

# CHEGA de DISCRIMINAÇÃO

Loucura, da Fábrica para a Casa pg.3

Luci Choinaski: uma Agricultora contra os Marajás 405

## **PONTOS DE VENDA**

DISTRITO FEDERAL
Detenti Ribeiro SDS Edificio
Miguel Bardia, sala 402 Jone
(061) 226 0482, Brasilia MINAS GERAIS MINAS GENAIS Espaço Cultural Livros a Artes Bua São João 367, Ione ((S2) 211-2029 Juz de Fora MATO GROSSO DO SUL Regma Arakaki: Rua Rus Barbosa, 2.324 Jone (067) 382-0642 Campo Grande

PARÁ Jane Beltrão (091) 229-6336,

PARANÁ Distribuider J Ghignone Cle Lida Av Nova Iguacu, 624, Ione (041) 233-362,— Curtiba PERNAMBUCO Wilma Lessa Tone (081) 24

RIO DE JANEIRO Dazibao Livraria: Rua Viscende de Pirajá, 571-B, Travessa do Ouvidor, 11 - Rio de Janeiro RIO GRANDE DO SUL Distribuidor: Marco Amarul, Pça, Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre Banca Vera Cruz: Praca da

Graphis, Livraria Caté: Rua Tomás Flores, 340. Livraria CAEFrutrsg: Av. Paulo. Gama, sin<sup>a</sup> Livraria Autores Nossos Av Enco Verissimo, Centro

Municipal de Cultura Lórraria Adei Sell. Rua Gel Vitonnis, 140, sala 27. Livraria Arcano 17: Av Protázio Alvas, 1.139 Livraria Mercado Aberto: Rua Riachuelo, 1 291 Livraria Mercado Aberro: Rua da Conceição, 206 da Concecan, 206 Livrana Palmarinca, Rua Gal Vitorino, 140, 1º andar Livrana Prosa e Verso, Rua Mostardeno, 120 Iola 4

Livraria Terceiro Mundo, fica Gal Vitorno, 129, sala 21 SANTA CATARINA Ana Lúcia Gomes Medeiros Cidade Universitária, caixa postal 5000, Florianópolis SÃO PAULO

Trans entraga Maciel. R. Frei Santana Galvão, 26. Ponte Pequena BANCAS Na capital Mulherio é encontracio em todas as bancas onde se vende Jornal LIVRARIAS Belos Artes: Al Linena, 1 326.

São Paulo Belas Artes Av. Paulista. 2 448, São Paulo. Brasiliense: Rua Oscar Freiro. 561, São Paulo. Lavaria Brasilianse Bun Canto de Proser Rus Simalo Canto de Proser Rus Simalo Alvares, 45, São Paulo Capita: Rus Pinheiros, 339,

Capital Rus Pinheiros, SSP, Sac Paulo Da Pun Pradique Caruntio, 1180, Sac Paulo Caruntio, 1180, Sac Paulo Caruntio, 124, Sac Paulo Caruntio, 124, Sac Paulo Caruntio, Rus Ignácio, Pareiro da Roccia, 124, Sac Paulo Caruntio, But Avenda, Avreticoso de Merana, 1033.

CAMPINAS Venue Alton Awes I fridge - 61925 19 3267

TAUBATE Aparticula Fatirna de Sine Ferreira: 8: Antero Forreira i Silva, 28 — Vila São Geneti

## Loucas da Praça de Mayo

Gostaria de fazer um reparo no excelente artigo "À procura de um Anio". Mulherio nº 29. sobre o livro Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho, de Virginia Valli, "Loucas da Praça de Mayo" foi uma expressão criada pelos militares argentinos para designar peiorativamente as mães que procuravam os fithos desanarecidos nas mãos da ditadura militar.

> Judith Patarra São Paulo, SP



## Em busca de orientação

Somos um arupo de mulheres guaratubanas cansadas de tanto lutar sozinhas e. talvez, de maneira equivocada, pois não vemos perspectivas para nossos problemas, que são muitos. Assim resolvemos nos organizar para melhor direcionarmos e resolvermos nossas questões. Para isso estamos nos dirigindo às companheiras através do Mulherio para que nos orientem sobre o melhor caminho para chegar à organiza-

> Alvanira Soares de Jesus

Rua Menelau de Almeida Torres, 886 83280 - Guaratuba, PR

## Um elogio

Gostaria de parabenizar a equipe pela exce- pretensão realizar. lente qualidade do jornal mos por partes, então e pela enorme contribui. Em primeiro lugar, não ção que ele dá à questão se trata da "següência ferninista. È, realmente, de um trabalho desenum prazei e um privilégio poder contar, agora, minério sobre Ações incom a edicão mensal.





Manifestação a favor das mães dos desaparecidos na Argentina, SP, 1980

Para Goiânia que tem uma imprensa basicamente oficial e muito restrita aos interesses de grepos dominantes, o jornal Mulherio é lido com avidez tanto pelas mulheres feministas, como por todos aqueles que se interessam pela questão:

> Eliane Gonçalves Goiánia, GO

## Muitas retificações

Acabo de receber o Mulherio nº 31, cheio de matérias informativas interessantes, que sopram ares de um modernismo que ainda não chega aqui pelas nossas bandas, dando-nos a chance de saber o que rola na atualidade do "sul-maravilha"

Salu também uma matéria intitulada Propostas paro o Saúde, assinada por mim, com informações sobre o trabalho da nossa Comissão Saúde e Direitos da Mulher, Foi simpático vocês darem o destaque, mas confesso que me surpreendi com o que li. Não sei se foi problema da composição ou da copidescagem, o fato é que o que chegou às páginas de vocês rião retrata o nosso trabalho nem a nossa proposta, e, o que é pior, dá a entender coisas que não são nossa volvido a partir do 1º Se. tegradas de Saúde realizado em Brasilia", (de qual não remos noticia), aquilo que estamos tazendo. Creio que deve haver uma elipse no texto original, onde explicávarnos que a Comissão surge depois da Confe-

ther, ocorrida em Brasilia em 1986, e contávamos como chegamos a montar um Seminário sobre Ações Integradas de Saúde em Ca Grande, em 1987, Campina

Em seguida, ainda na mesma frase, a matéria afirma que a Comissão 'pretende realizar mais um encontro nacional em outubro, com o obietivo de reavaliar os pro-



gressos obtidos desde o último encontro em 86". Completa-se a salada Evidentemente, não temos forças le muito menos a pretensão) de reafizar um encontro nacional para avaliar progressos desde um encontro realizado em 1986 (que ficou no artigo como o I Seminário sobre Ações Integradas de Saúde "realizado em Brasília" lembram?). Mesmo por que não houve tal encontro, Em 1986, como dizia eu, houve a Conferência Nacional, promovida pelo Ministério da Saúde e Conselho Nacional dos Direitos da Mulher O que nós pretendemos avaliar é, realmente, a que ocorreu desde o seminário do título que vocês citam, mas feito por nós para e per Campina Grande, em 1987, junto com es autoridades de saúde locais. Não poderia ser, portante um fencontro nacional"

O paragrato seguinte estabelece nove confusão, ao colocar e luta ne-

la criação da CIMS como uma questão no plurai ("reivindicar às autoridades a criação das Comissões Interinstitucionais Municipals de Saúde"), como se estivéssemos falando peio Estado da Paraíba como um todo. dirigindo-nos a todos os municípios, por um lado, e como se isto tivesse si do desvinculado do objetivo principal nosso, a implantação do PAISM. Na verdade, a reivindicacão do PAISM não pode ser aceita, na atual estrutura do servico nacional de saúde, sem a criação de uma CIMS por município onde ele vai ser implantado, uma vez que o Plano é uma Ação Integrada de Saúde, e qualquer uma delas deve estar sujeita ao gerenciamento de uma Comissão tipo CIMS, que integre as autoridades de saude diversas da localidade e a comunida-

As confusões dos parágrafos seguintes são de menor gravidade, sublinhando apenas a impressão provocada pelos equívocos mencionados: a de que vamos avaliar politicas nacionais em grandes encontros no país todo, reunidos em Campina Grande, sob a égide da Comissão Saúde e Direitos da Muther deste município. Lamento realmente que tenha acontecido este grau de barulho na transmissão da infomacão, e queria reafirmar nossa relação de colaboração apontando-a para vocês como uma forma de reforcar a seriedade da imprensa alternativa.



Espero aue VOCÉS tornem minhas obser-vações à altura do respeito que tenho pelo Mulherio e do desejo de todas nós de que um veiculo alternativo e feminista se afirme e se confirme cada vez mais como válido e confiavel.

### Angela Arruda Campina Grande

Mulherio responde

Lamentamos ainda muito os erros, mas ressaltamos que o jornal existe para veicular informações sobre a muiher ignoradas pela grande imprensa e não para deturpá las. Como defesa. apenas é possível dizer que todo tradutor é um traidor e todo copides que encarregado de reduzir sessenta linhas pala vinte, nem sempre é feliz, podendo cometer deslizes não intencionais, como o ocorrido.

## 1919111111152484411

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP), Beia Feidman-Bianco (Unicamb BIBINO (Unicamp SP/Southeastern Massachu-seis University, USA); Emir Sa-diin (USP); Fatiria Jordan (ese-quisadora, SP), Fotiva Rosem-berg (Fundação Cartes Chagas, SPI, Helbis Buarque de Hol-landa (LEFE) Stanford Univer-sity, USA), Luda Castelle Bran-co lensaista, MGI, Manii Licita de Barros Most (historiadora, Muriauriusta Rosa Risena (Consente Municipal da Maire de Salvador, BA), Marrysa Me ver ittincamo, SPI; Mouzir Bo negno tjornalista, SPI;

Editora-responsável: más Castio (A/To 17,500) Editora: San manu Silvera (MTo 13,517), Reporteres/Redutoras: Lauri mar Coelho e Paula Magaste, Secretária de Redação: Pérola

aes, **Arte:** Jaime Prades e Walkyria Suleiman Administração e Finanças: Mô-

nica Boudayê, Assistenter Ma-na Tereza de Lima, Detribuição e Divulgação: Susana Beatriz Meza Henker, Assinaturas o Expedição: Helena Maria Moreira Secretária Geral: Tânia Cestina Visira de Paulo. Os intigos assinados não refle-

tem necessariamente e cipinião do jurial. Reprodução total nu parcial de matérias, desde que

otatu a fonte. Mulheno e subissido pere Nú-cico de Comunicações Mulheotto de Comunicações siguina-rio, associação culti uma line la crativos, com apolo do Fundo são Ford do Brasil, H.J. Rorbs, cão e administração a Rua Cu-min Gago. 204. Probasivo. US ST. São Paulo, SP. Brasil Line (SE). 1918 Tago, 204, 05 \$21, 550 Paulo, Ione 10111 212 9052

Composição, Fotolito a Impres alto: Cia. Editora forcas. Inca. Ario: Azoredo, 1977, talafane. 116-4999

Tragem desta edicăn: 12 mil e complaras

Trabalho e Loucur união no ritmo produtiva

Onde termina a ansiedade provocada pelo trabalho assalariado e começa a loucura? Onde está o limite entre a alienação social e a alienação mental? Um estudo prova que a organização repressiva do trabalho não modela comportamentos somente nos escritórios e fábricas, mas também em casa e na rua.

### LEILA VILLAS

oda divisão do trabalho na sociedade está unida, de modo inseparável, a certa degeneração espiritual e física. Mas como esta época, em que impera a manufatura, intensifica a desintegração dos ramos de trabalho e atenta contra a base vital do indivíduo, já temos material e oportunidade para o desenvolvimento de uma patologia industrial", escrevia Marx, no século passado.

Mas a sistematização dessa patologia só começou a emergir recentemente. Um de seus pioneiros, o psiquiatra francés Christophe Dejours, esteve rneses atrás no Brasil, para o lançamento da tradução de seu livro A Loucura do Trabalho (Estudo da Psicopatologia do Trabalho). Nele, Dejours aborda, já em um contexto industrial liderado pela energia nuclear e a informática, entre outras tecnologias de ponta, as relações entre trabalho, medo, ansiedade, Jouquia, Degreende, se de seu livro que a organização repressiva do trabalho modela comportamenlos não apenas nos locais onde se desenvolve, mas também na vida dos trabalhadores, em casa e nas ruas.

No mercado de trabalho capitalista, há funções especialmente reservarias às mulheres, como a de telefonistas, por exemplo. Submetidas a uma disciplina extremamente rigida, essas profissionais assumem, em sua vivência pessoal, a linguagem e as reacces rohotizadas da PTT (a Telebrás francesa). "Na saida do trabalho, no metró, as portas automáticas comecam a techar depois de um ruíde, se melhante ac do telstone: dizemos então (automaticamente) o número do posto e trabalho", contaram relefonistas da PTT a Dejours. Ou: "Quando alguém na rua nos diz bom dia, respon-demos: o que é que o senhor deseja?", lembrou ao autor outro grupo de funcionárias

Vigiadas através da escuta, as telefonistas são impedidas de responder a grosserias ou exigências absurdas, por exemplo, e obrigades a manter uma postura rígida. Sua única defesa diante do ritmo produtivo voraz é fornecer as informações solicitadas mais rapidamente, para poder desligar. Mas isso equivale a atender imediatamente novas ligações, reacelerando, dessa forma, o ritmo frenético de trabalho.

Em outros setores onde o pessoal é predominantemente feminino, como na indústria eletrônica, o aumento dos ritmos de trabalho chega a provocar crises de choro e de nervos, desmaios, tremedeiras. Fica patente, segundo o texto de Christophe Dejours, que as trabalhadoras dão mais vazão a seu sofrimento - não sentem, em geral, vergonha de sua condição humana, agredida pelos métodos irracionais impostos para a elevação da produtividade em contraposição, na maioria dos casos, ao comportamento masculino. Como na construção civil, por exemplo, os homens mostram preferir continuar exibindo uma postura de "macho", desafiando e rindo do perigo, chegando, paradoxalmente, a orgulhar-se de sua condição de animais de carga. Então, a ideologia machista exibe flagrantemente seu caráter conservador (e reacionário)

Tais características de comportamento indicum, assim, que cabe às mulheres um papel de vanguarda na luta por melhores condições de trabatho, pela sua reorganização em formas humanizadas, contra a chamada "or-



A defesa das telefonistas contra o ritmo produtivo voraz é fornecer as informações solicitadas rapidamente, acelerando o processo

ganização científica do trabalho" taylorista. Sem důvida, essa é uma luta difícil, pois a ideologia da produtividade acaba transformando a própria saúde mental em objeto de exploração. E os indivíduos que não podem suportar a máxirna carga de trabalho, cuja estrutura mental cede, muitas vezes são lancados aos manicômios. Como saldas intermediárias, há o fato de os calmantes terem se tornado o best-seller dos remédios em todo o mundo; ou o avanco do consumo de cigarros, do álcool e de drogas, lado a lado com o processo de acumulação do capital.

Outra constatação do livro do osiquiatra francês é a de que poucas questões sugerem melhor a conveniência de laços de verdadeira solida-riedade entre mulheres e hornens quanto a relacionada ao desafío do mercado de trabalho industrial para a preservação da saúde mental dos trabalhactores.

Sobretudo pela prática da manipulação psiculógica, o dia a dia nos escri-tórios não postunia ser menos tenso do que nas lábricas e linhas de montagem. As relações hierarquicas provocam um aumento da ansiedade: a função da supervisão mostra ser, justa mente, transformar essa ansiedade em rendimento do trabacho. As toticas são antigas a porversais: acenavi-se conprémios e promoções, adados indefenetamente, para elevar a incace de proristividades envenenam-se as refacões entra colegas, orando um ambiente do rivalidade e concorrência entre eles; as relações solidérios e fraternas são substituidas pelas de suspeição e espionagem, o que gera sofrimento psiquico, isclamento, solidão afetiva.

Enguanto isso, nas tábricas, a imensa fragmentação do trabalho, sua subdivisifio em gestos simples repetidos in-definidamente, originárias de uma ideologia de produtividade que anula toda a liberdade, afetam seriamente a saúde mental do operariado. Com o advento da organização taylorista do

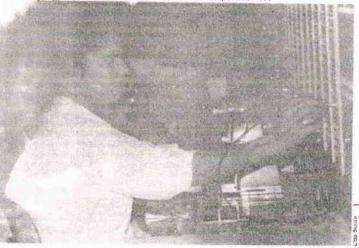
trabalho, dividem-se os gestős, as pessoas, e exclui-se a mente. Os individuos são reduzidos à estrutura de autómatos que ignoram o sentido e o destino de seu próprio trabalho. A despersonalização do trabalho desintelectualizado é penosa, e pode provocar até a paralisia mental.

Assim, o trabalho alienado acarreta um duplo sofrimento, que se revela em dois sintomes: a insatisfação e a ansiedadé. Sobrevém uma sensação de inutilidade, para o trabalhador. Suas funcões pouco qualificadas são desprovidas de conteúdo significativo, de uma significação humana. As possibilidades de uma vida plena são anuladas pela realidade de uma sobrevida aqui não há alternativas, não há opção existencial: a liberdade do trabalhador na era da superacumulação capitalista se reduz à escolha entre trabalhar, sob condições previamente determinades pelo capital, ou morrer de fome. Eis o ser ou não ser da era moderna, Hamlet operário (ou colarinho branco) teni de optar pela vivência depressiva, pelo adorniecimento intelectual, pelo esmagamento de todas as suas aspirações.

Surge, nesse contexto, uma constelação de deenças psicossománicas so-bre a massa trabalhadora. Como o trabatho já não se adapto às caracteristidos fisicas e mentais do sei humano. antes, esto e que deve se submeter nos remos alucinentos de produtividade o colapso mental tonna se immente. E o parceiro insegarável do trabalho ina dantado é o medo na mantana, o medo no escritório, o medo cilietivo que para sobre as cidades. Per sinal, o discurso dos panfletos trabalhistas contuma ser saturado de ansiedade — signo desse medo, que conscine a saude mental de maiorio des assalariados. Em palaes em desenvolvimento" come o nosso dados suplementares ajudarna alimentaa síndrome do medo, o desemprego (ou o medo dele), a miséria (ou o seu model - entre outres

Leila Villas è jornalista em São Paulo

A organização repressiva do trabalho modela comportamentos





Para Luci Choinaski, sõ as mulheres politizadas se modificam

# Sem Corrupção, para variar

### **LENA BASTOS**

uci Choinaski, 33, casada, mãe de quatro filhos, e agricultora do oeste catarinense, conseguiu uma dupla vitória nestas últimas eleições em Santa Catarina. Apesar de todos os partidos terem apresentado suas candidatas, ela foi a única mulher eleita deputada estadual pelo PT com 6 mil votos. E, para completar e confirmar a exceção, ela saltou a difícil barreira que separa as mulheres do mundo político, através de um trabalho de base organizado junto ao Movimento dos Sem-Terra e Movimento de Mulheres Agricultoras.

Agora, em pleno exercício de seu mandato, Luci Chornaski já provou que tem um estilo diferente dos seus colegas. Não se limitou a criticar a atuacão da Assembléia Legislativa, ela partiu para a ação. Embargou um aumento de salário para os deputados, votado durante o congelamento. Seu argumento foi cristalino: "Se os salários dos trabalhadores estão congelados, porque os nossos não?"

Mas não é só no plenário que Luci Choinaski mostra uma outra forma de encarar a vida. Com a necessidade de trabalhar em Flonanópolis, ela teve que sair de sua casa, em Descanso, no interior catarinense, e mudar-se para um sitio, em Biguaçú, a 40 quilômetros de Florianópolis. Uma solução encontrada para poder, pelo menos de vez em quando, pegar na enxada e não perder as raizes de agricultora, filha de poloneses, que fala algumas palavras de polonês e italiano. Para Luci, ter uma horta é mais de que uma simples necessidade: "A terra me dá força. Para a mim é fundamental."

Ao mesmo tempo em que sua vida de mulher agricultora está modificada, Luci enfrenta um mandato fegislativo, e até arrisca um pouco de humor ao comentar sua chegada na Assembléia: "Aqui o papo é diferente, os problemas não são sentidos na pele, como A deputada do PT catarinense, Luci Choinaski, causou o maior assombro na Terra dos Marajás, ao pedir o congelamento do salário dos parlamentares como se fossem uma classe qualquer de trabalhadores. Ela é líder dos sem-terra e luta pela aposentadoria e sindicalização da mulher agricultora.

no caso dos sem-terra. A minha prática é de luta, eu nasci na batalha do dia e dia. Quando eu cheguei, as pessoas se perguntavam - O que é que esta colona está querendo? Mas eu dei um tempo, me situei." Em releção à família, também aconteceram algumas alterações no cotidiano, principalmente para o marido José, agricultor, que agora tem de organizar o trabalho doméstico e ficar com as crianças (o mais novo está com um ano e nove mesest. Mas é uma cooperação consciente, já que ele também particina do movimento e acredita na importância da luta na mudança sociedade

## Vida de militante

A militância política de Luci Chorneski surgiu na Pastoral da Terra e no

Movimento de Mulheres Agricultoras. Já a colaboração com o PT aconteceu através dos sindicatos, quando participou ou aporou o movimento de mulheres nas chapas de oposição, já que os sindicatos conservadores não admitiam a sindicalização da mulher agricultora, sob a alegação de que o marido se associando, a mulher adquire o mesmo direito. Mas a avaliação das mulheres agricultoras aponta para o fato de que a sindicalização da mulher é uma prova de que ela é agricultora.

Com este panorama, as propostas de luta levadas naquela região também possuem um caráter ligado a uma politica da mulher, o que leva Luci a se posicionar: "Eu me considero ferminista, não de forma doentia, mas por querer a autonomia de participação, igualdade de direitos. Eu vejo a luta dos trabados posiciones de deservicios de servicios de

Ihadores como do homem e da mulher, visando construir a nova sociedade. Temos que começar já, e não quando terminar o capitalismo. A cabeça da mulher tem de mudar. Ela deve se valorizar. Do ponto de vista dos capitalistas é ruim que a mulher participe, pois somadas as forças, isso representa mais de 50% das pessoas."

Luci aponta para o fato de que a consciência de classe para as mulheres passa pelo útero, pelos filhos, o que explica a garra do próprio movimento de mulheres agricultoras, que lutam pela existência como trabalhadoras do campo, que ainda não têm aposenta doria, e apenas uma pensão de meio salário mínimo aos setenta anos. Além de não receber auxilio natalidade a mulher agricultora depende do marido para se aposentar, não podendo fazêlo antes do marido. Enfim, a mulher agricultora não é reconhecida como categoria de trabalhadora rural, uma situação que será definida pelos Censtituintes. Neste sentido, Luci Chomaski já encaminhou abaixo-assinado pro pondo a aposentadoria da mulher trabalhadora rural aos 45 anos de idade, o que é justificável pelo fato de que todas as categorias se aposentam com 25 ou 30 anos de serviço e a mulher trabalhadora rural começa aos 15 anos e contribui com 25% da producão.



Para Luci, a relação entre os semterra e os pequenos proprietários em Santa Catarina é de identidade, e aponta dois momentos deste processo. Depois de receber uma maciça campanha difamatória promovida pela mídia sobre os perigos do movimento dos sem-terra, os pequenos proprietários, que estão se proletarizando violentamente, descobrem que o problema dos sem-terra já bateu na porta de suas casas, pois os seus filhos já são sem-terra.

Além destes fatores, na região do



Musheric Set /87

Oeste e no Planalto de Santa Catarina. um total de 25 barragens vai expulsar de suas terras mais de 40 mil familias, o que está potencializando um movimento de resistência. Neste caso, Luci aponta para o fato de que já foi construida a cidade de Itá e pergunta onde serão assentados os novos sem-terra. durante a implantação total deste pro-jeto que vai se estender até o ano 2010. Para ela, a perspectiva atual não é nada promissora. O número de assentados pelo governo, 2 mil familias no Brasil, se agrava mais aínda com o crescente número de familias que perdem as terras em função da atual polltica de juros altos. O total pode chegar entre 300 a 400 mil, este ano.

Como resultado desta situação, em Santa Catarina, começam a aparecer afavelamentos nas pequenas cidades, povoados pelos bóias-frias, os diaristas, muitos migrantes e alguns do local. Em algumas regiões, como o Planalto e Curitibanos, o número de bóias-frias aumenta. Segundo Luci, a diticuldade de organização entre estas pessoas mostra que os problemas de sobrevivência não ajudam, e até ironiza: "A teoria do quanto mais pobre, mais rapidamente vai se organizar é furada. Veja o Etiópia. Na miséria absoluta, as pessoas não têm capacidade de se organizar como classe".

A entrada do capitalisme no campo não se reflete somente no aumento dos trabalhadores voluntes em Santa Catarina. De acordo com Luci, um dos pontos aviltantes desta relação económica se refere ao sistema dos integrados, que torna o trabalhador rural mão-de-obra gratuita, pois a indústria fornece a ração e vende os trangos, trabalhando com uma variação de custo de produção. Para Luci, "hoje o tra-balhador rural é um peão gratuito, e além de tudo, honesto. Não existe mais concorrência e o preço é estipulado pela indústria. É a forma do capitalismo se encaixar no minifundio. E as Cooperativas, como a Cooperalfa, Central das Cooperativas do Oeste, trabalham como a indústria. Elas acabam virando empresas e fazendo o mesmo sistema integrado", diz.

## Mulheres na agricultura

Depois de fazer parte do Movimento dos Sem-Terra, Luci Choinaski centrali-



No dia 12 de agosto as muineres agricultoras comemoram seu Dia Nacional de Luta.

zou suas forças no Movimento de Mulheres Agricultoras, que partiu de uma realidade bern dificil de ser trabalhada, já que a mulher agricultora não havia ainda participado de nada, olhando o sindicato e a política como negócios de homem, enquanto seu lugar se restringia à roça, aos filhos e à casa, o que faz com que a sua escolaridade seja muito baixa, aliada a uma educação que a ensina a ser submissa e só a prepara para o casamento. As discussões nos grupos de mulheres agricultoras ampliam a dimensão do mundo, constata Luci: "Ela vê que a importância dela é fundamental e isso se reflete na relação familiar, passando pela participação política e pela divisão das tarefas domésticas.

Mas Luci também acha que as discussões em torno da sexualidade feminina, do conhecimento do próprio corpo, são assuntos difíceis. "As mulheres agricultoras vivem uma realidade onde, por exemplo, a questão da separação não existe. A dependência delas é total. Para comprar alguma coisa ou passear, elas pedem licença ao marido. A maioria vive assim, só as que estão politizadas se modificam,"

No dia 12 de agosto último, as mutheres agricultoras comemoraram o seu Dia Nacional de Luta, carregaram bandeiras com aloumas reivindicações urgentes, como a aposentadoria, o reconhecimento como trabalhadora agricola, todas acompanhadas por um simbolo, a flor margarida. Uma homenagem à Margarida Alves, sindicalista da Paraíba, Lagoa Grande, assassinada em 12 de agosto de 1983 pe-los pistoleiros dos latifundiários, na frente do marido e dos filhos. Para Luci Choinaski, o movimento tem de ter o seu símbolo. "O dia de luto pela morte de Margarida tambóm é o de todos os trabalhadores que foram sacrificados nesta futa, mas é principalmente das mulheres agricultoras". Para ela, as diferenças entre trabalhador rural e urbano devem ser entendidas, "A luta dos trabalhadores urbanos é diferenciada. mas a primeira coisa é querei entender as coisas. A própria burguesia sempre jogou nestas diferencas. Mas, o operário deve sentar junto com o agricultor para mudar a sociedade.

Lena Bastos é jornalista em Florianópolis

## Deputados: Salários Congelados?

Em junho, a deputada Luci Choinaski levou requerimento à Mesa da Assembléia Legislativa onde pedia o corigelamento dos vencimentos dos parlamentares e a suspensão do aumento de junho quando soube que seu salário seria reajustado naquele mês para Cz\$ 253 mil. Segundo a deputada, esse valor "é um verdadeiro acinte ao povo brasileiro, que vem passando pelo maior arrocho salarial de sua história". Sua folha de pagamento apresentava inúmeras justificativas para tal salário, que iam desde verbas para moradia, gastos com telefone, transporte, até despesas com correspondências, compras de



publicações e "despesas extras"

No entanto, a luta desta única representante do PT na Assembléia de Santa Catarina parece ter sido em vão. Ela fez a derrúncia em plenário, mas seus colegas da Mesa retiveram os documentos "para análise".

Na última semana de agosto, os deputados catarinenses não se deram por vencidos e começaram uma campanha de difamação contra Luci, chamandoa de demagoga. Mas, apesar de isolada, ela enfatiza: "Os deputados de fevereiro a junho tiveram 150% de aumento, enquanto o resto do funcionalismo público recebeu apenas 57%"."



## **PESQUISA**

Uma pesquisa realizada no Interior do Paraná por Miriam Fuckner, assistente social, Maria de Lourdes Bertani, economista doméstica, e Gervásio Kramer, engenheiro agrônomo, sobre a muther rural, demonstra que a agricultora está se organizando, mas ainda não tem seu trabalho valorizado e não possui influência no processo produtivo e na comercialização dos produtos que gera.



As agricultoras ainda têm pouca participação na compra de insumos, equipamentos e na hora de votar

## Participação da Mulher Rural

a, tentativa de detectar com major precisão a problemáti ca da mulher rural, que en globa jornada semanal de trabalho, nivel de participação nas decisões familiares e de organização social formal. focrealizada em julho último uma pesquisa com 120 mulheres da área rural do município de Francisco Beltrão, no Paraná, que caracteriza se por uma distribuição fundiária, onde predominam os pequenos produtores de alimentos de subsistência, como milho, soja, feijão, arroz e mandioca. Conta atualmente com uma população aproximada de 85 mil habitantes, sendo que 65% da população vive na área urbana e 35% na área rural. Do grupo de mulheres entrevistadas 83.3% são multieres de proprietários, serido as demais de arrendatários e emprega-

Se levarmos em conta que na sociedade capitalista o trabalho doméstico não é valorizado, na medida em que não produz bens, o trabalho da mulher em uma unidade rural passa a ter um valor significativo dentro do processo de produção de alimentos ou biens de consumo. Porêm, a mulher confinua a sofrer na área rural semelhante marginalização social, econômica, cultural e política em nossa sociedade.

De acordo com Saffioti (1), em seus estudos realizados em 1984, cerca de 90% das mulheres que trabalham na agricultura lo fazem no seio da producão familiar, acarretando uma consegüente submissão frente ao marido ou ao naí. Isto se deve, principalmente, ao fato de que a mulher rural sempre foi dispensade dos estágios de treinamento, proporcionado aos homens, tisto acarreta defasagem ao trabalho feminino e, consequeritemente, menor valor. Assim sendo, cabe ao homem gerenciar o desenrolar do processo produti-vo definindo as tarefas. O homem planeja a lavoura, pois é o único que possui experiência e domina o conhecimento técnico, apesar de toda a famíha participar diretamente da produção.

## Produção Familiar

Na visão de outro pesquisador, Mabel Cordini, os instrumentos de política agricola dão o papel de produtor ao homem, deixando de lado a figura da multier como participante. Em rarissimas ocasiões, a multier rural tem acesso a crédito ou ao seguro e à terra. Na verdade, o processo de mocernização da agricultura afeta homens e multieres, impondo a dissolução das unidades de produção familiares através da proletarização gradativa da força de trabalho familiar. Essa subordinação do trabalho ao capital torna a mulher o elemento da familia mais explorado, pois sua submissão ago como instrumento para assegurar a manutenção do status quo das classes dominantes.

Por outro lado, a organização das mulheres rurais têm sido amplamente difundida nos últimos anos e está diretamente ligada à questão da reforma agrária e melhorias na condição de vi da no campo. As mulheres tem se em penhado na luta pelo seu direito à sindicalização e pelo reconhecimento da profissão de "agricultora". A cada dia, a participação das mulheres rurais em movimentos reivindicatórios tem sido mais atuante e não está caracterizada como movimento de minorias, mas sim como uma luta contra a deminação, a fome, o desemprego e a tavor da liberdade para o povo.

As respostas obtidas na pesquisa atestam que aproximadamente 80% das mulheres rurais executam uma jornada de trabalho semanal superior a sessenta horas. Destas horas, cerca de 50% em média são ocupadas com trabalhos domésticos. O restante é desti-

nado à produção de alimentos de subsistência. Mas, apesar de contribuir sensivelmente para a formação de renda familiar, seu trabalho não é valorizado e ela tem pouca influêricia no processo de comercialização dos produtos que ájuda a produzir.

## Incentivo à participação

A mulher agricultora, segundo a posquisa, tem grande participação no processo decisório tamillar, com excecão dos aspectos que se referem a compras de insumos, equipamentos e voto, onde a maioria delas possui participação nula, por não terem conhecimento técnico necessário para decidir sobre esses aspectos.

Ao relacionar a participação das mulheres no processo decisório com a participação das mesmas em organizações comunitárias constata se que é através das organizações que a mulher tem condições de desenvolver seu potendal decisório no interior da familia. Todavia, com relação às questões políticas, as organizações comunitárias não têm contribuido satisfatoriamente para despertar a consciência crítica des mulheres. Ao serem questionadas sobre os motivos da não participação em organizações formais, as mulheres culpam a excessiva jornada de trabalho a que são obrigadas a cumprir e a responsabilidade intransferível da quarda des filhes

A pesquisa também concluir que, apesar de pouco atuante nas organizacióes formais, as mulheres têm sido incentivadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e pelos maridos sindicatos a participarem cada vez mais e em maiores grupos.

Decisões	Intensa		Média		Baixa		Nula	
	N.º	%	N o	%	N."	%	N.º	%
Programação Saira	62	51,6	25	20,8	24	20,0	9	7,6
Obtenção crédito	54	45.0	16	13,3	27	22,5	23	19.3
Compras para a familia	52	51,6	43	35,8	10	8,3	5	4,
Compras de insumos	23	19,2	14	11,7	20	16,6	63	52,
Compres de equipamentos	23	19,2	11	9,2	24	20,0	62	51,
Compra e venda terras	79	65,8	19	15,8	11	9,2	11	9.
Construção na propriedade	76	63,3	22	18,3	13	10,8	3	7,
Programação de passeios	56	46,7	40	33,3	13	10,8	11	9,
Voto	37	30,9	19	15.8	25	20,8	39	52,

LD Política Agricola da Brasil Contemperânes e suaz Consequências para a Força do Trabalho Femenino e os Padrões Alementares (IICA, 1994)

Muliford 182

Sônia: "No programa faço o que quero"

# Elas Venceram no "grito"

São milhares ou milhões? Não existem dados precisos que revelem com exatidão o número de ouvintes de cada uma das muitas rádios FM espalhadas por todo o País. O que se sabe, no entanto, é que as mulheres locutoras continuam discriminadas pelas FMs.



Sandra Groth: "Toda rádio que se preza deve ter uma locutora

### LAURIMAR COELHO

s rádios FMs deram certo.
Atingem as camadas mais consumistas da população, onde os sucessos musicais, o bom humor, o "alto astral" e a incansável participação dos ouvintes estão sob o comando quase acrobático dessa figura carismática conhecida como locutor. Misto de amigo, namorado, amante, que parece despertar no público um verdadeiro fascínio e uma empatia contagiante. Ser locutor, porém, tem sido privilégio mais dos homens que das mulheres.

Na verdade, a escolha do homem para ocupar os espaços de comando nas rádios FM, sob a justificativa de que sua voz empresta maior credibilidade às informações veiculadas, está arraigada. Mas, nos últimos dez anos, a voz feminina vem ganhando um maior espaço e hoje, só em São Paulo, Estado que comporta o maior volume de emissoras FM de todo o País (131 emissoras no interior e 14 na Capital), algumas aicancaram altos indices de audiência (média de 2 milhões de ouvintas) gracas à força de trabalho e ao poder de comunicação de suas locutoras.

Hoje, a conquista afetiva e a credibilidade já não são exclusivas do homem nas FMs, principalmente a partir de 1980, quando a atual apresentadora de televisão, Celene Araújo, fazia suas primeiras apresentações em uma emissora paulista: era o primeiro passo que viria firmar definitivamente a voz feminina na FM. Mas neni tudo é fácil. Madeleine Alves, locutora da Rádio Cultirra de São Paulo e apresentadora de televisão, admite que em seus cito anos de carreira sofreu discriminação: "O que alguns diretores de rádio têm em mente è que a mulher não passa credibilidade na noticia, Isso é um absurdo. Recentemente, com a antiga diretoria desta rêdio, sofri esse tipo de discriminação. Fui afastada do noticiário da FM e colocada no horário noturno para apresenter uma seleção musical fazendo uma vos tipo 'sensual'. Esse preconcelto existe muito por al. Talvez se deva à cabeça de alguns diretores extremamente machistas que estacionaram no tempo e que para passar uma 'cantada' não pensam duas vezes e sequer levarn em conta nossa capacidade profissional", contesta.

## Credibilidade ou Preconcelto?

Paralelamente a esta luta encamnada por muitas locutoras e não apenas por Madeleine - que hoje confessa estar satisfeita com as melhorias ocorridas em seu trabalho na rádio e com sua mais nova atividade como apresentadora do telejornal da TV Cultura a questão do aproveitamento do potencial de comunicação e credibilidade da mulher dentro da programação das emissoras tem sido, recentemente, levada em conta por duas rádios FM de major audiência em São Paulo: a Rádio Cidade e a Jovem Pan. Isso pode ser sentido na presença da voz feminina no horário entre 10h e 14h, tido como horário nobre para as emissoras de FM e reservado basicamente aos cuidados da locução masculina.

Sandra Groth, locutora da Rádio Cidade, afirma que as emissoras deveriam dar mais valor à mulher: "Toda rádio que se preza deve ter uma locutora. No entanto, o que existe é um clube do bolinha e isso restringe o mercado". Responsável pelo comando de quatro horas de programação diária, Sandra se diz uma batalhadora: "Estou no rádio há quatro anos e enfrentei diretores que exigiram que fizesse uma voz melosa. A gente tem de acabar com essa imagem da locutora de voz bonita e sensuai", reclama.

Hoje, trabalhando há um ano em São Paulo, Sandra afirma que não existe justificativa para colocar as locutoras de FM apenas em horários noturnos." "Quando vim a São Paulo e soube que entraria no ar ás 10h, pensei que não seria aceita pelos ouvintes, principalmente pelas mulheres, quo são a maioria neste horário. O público feminino de FM está acostumado a ouvir as vozes dos homens e os locutores as contra contra

chegam a ter seus la-clubes. Eu consegui me sair bem porque não passo a imagem da mulher rival, que està no rádio para roubar a atenção de seu locutor preferido ou mesmo do seu namorado. Sou como uma amiga para os ouvintes, sejam homens ou mulheres, e recebo o carinho de todos sem precisar apelar para a voz sensual, sem personalidade", explica.

## Toda experiência é pouca

Ter uma voz audivel e envolvente abre espaço dentro da programação das rádios apenas em horários de baixa audiência. Por isso, lutar para ter sua capacidade profissional reconhecida não foi a única barreira enfrentada pelas locutoras e muito menos por Sônia Abreu. Conhecida por seu trabalho na rádio ambulante que criou há cinco anos, Ondas Tropicais, onde mistura teorias de Jung à conceitos de preservação do homem e do planeta, sem falar na combinação de sons que vão desde Frank Zappa a Gilberto Gil e Joe Jackson, Sônia sentiu dificuldades para levar seu trabalho à FM: Você é muito louca. Era o que diziam a maioria dos diretores de emissora." Sempre fui discriminada por fazer um trabalho diferente e por não ter uma voz apropriada para locução porque tenho a língua presa. Acho que quem fala no rádio deve ter opinião e não apenas uma boa VOZ

Apaixonada por rádio há mais de vinte anos, Sônia faz questão de salienter que nunca abriu mão de seu métedo de trabalho: "Hoje, faço o Dark Light na Rádio 89 FM, um programa que realizo do jeito que quero. Há sempre resistência pelas coisas desconhecidas, más temos que batalhar para ganher um espaço", diz.

Se por um lado as mulheres têm ampliado os espaços junto às FMs e imposto sues idéias, a discriminação insiste em atingir até mesmo as profissionais mais experientes. Virgínia de Morais, locutora e apresentadora desde 1953, sete prêmios Roquete Pinto e atual locutora de Rádio Universidado



Denise Correa espera uma oportunidade

de São Paulo (USP), afirma que a mulher, tento no rádio quanto na televisão, sempre foi colocada em segundo plano: "A voz feminina dificilmente é valorizada comercialmente porque os produtores não acreditam que ela venda certos produtos. O potencial de comunicação e persuasão da mulher é o mesmo do homem." contesta

mesmo do homem," contesta. Trabalhando há poucos meses na Rádio USP, Virginia lamenta a discriminação que sofreu após quinza anos trabalhando para a RTC — Rádio e Televisão Cultura: "O atual coordenador da emissora, Roberto de Oliveira, sequer levou em conta o meu potencial, fui dispensada sem maiores explicações, mesmo executando trabalhos tanto para a TV quanto para a rádio AM e FM. O profissional vale pela vivência e a capacidade que possui e não pode ser discriminado por sua faixa etária", crítica.

Enquanto isso, anualmente, só na capital paulista, mais de quatrocentos alunos formados em Comunicação são despejados das faculdades e colocados à frente do restrito mercado de trabalho. Denise Correa, jornalista e redialista recém-formada, retrata bem a tigura da mulher no início de carreira que se vê sem opções para obter uma oportunidade de atuar efetivamente na ărea e aceita "temporariamente" o cargo de secretária, ocupado quase sempre por estudantes de Comunicação em muitas emissoras, inclusive na Rádio Cidade, onde trabalha: "Não tenho a intenção de comecar como locutora, porque não tenho experiência suficiente para isso. Mas, estou esperando uma oportunidade para ingressar na área de produção de programas. Tenho esperança de conseguir uma oportunidade, mas quando isso vai acontecer, não sei", afirma um tanto cética.

Mathan Set 78



Lançado em março de 81, Mulherio é um dos raros veículos da Imprensa Alternativa que sobrevive ainda hoje, mantendo a polêmica dos fatos através da perspectiva feminista, discutindo das novas teorias científicas à sexualidade, da ecologia ao trabalho doméstico.

# LEIA



# DIVULGUE

A independência editorial do Mulherio ajuda o jornal a dar impulso às causas progressistas. Divulgar esse tipo de publicação ê ampliar a conscientização e fixar a imagem das mulheres reais, invisíveis na grande imprensa.

A maioria das escritoras, jornalistas, políticas e professoras que ajudam a influenciar a formação da opinião pública brasileira são assinantes do Mulherio. São consumidoras diferenciadas com independência para fazer suas opções por marcas e produtos.

# ANUNCIE

# ASSINE

Nem todas as livrarias e bancas do país recebem Mulherio. Assinando, você garante seu exemplar todo mês e ainda faz economia sem depender de nenhum congelamento.

## ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo:

Endereço:

Cep: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_ Est.

Data Nascimento \_\_\_\_ Sexo \_\_\_ DDD: \_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_ Profissão:

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comuni-

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 nºs do jornal. Cz\$ 160,00 - América Latina US\$ 18,00 — Exterior Via Aérea US\$ 24,00.

## ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?

Comunique seu novo domicílio.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Envie estes cupons para ASSINATURAS MULHERIO, Cx. Postal 11352, Cep 05421, São Paulo - SP, fone (011) 212-9052



## EDVALDO PEREIRA LIMA

ormada co-piloto de Boeing 737 da Vasp em fevereiro Arlate Vitória Ziolkowski completou recentemente as 100 horas de vóo real sob instrução, que a habilitam definitivamente a assumir a escala normal da empresa, abrindo passo para se tornar comandante de avião, dentro de alguns anos.

Filha e irmă de aviadores profissionais, Arlete foi professora e trabalhou em teatro infantil. Frustrada, mudou de vida e tirou brevé aos 24 anos, decidida a seguir carreira. Ao longo do tempo, tentou quatro vezes, sem sucesso, entrar para a aviação comercial. As recusas tinham os mais variados motivos; porque mulher não podia se inscrever, por ter parentes voando na companhia ou porque já ultrapassara a idade firmite.

Impossibilitada de entrar no circuito nobre para os aviadores civis, que é a aviação comercial, teve de se contentar durante anos em voar nos pequenos aviões executivos de empresas privadas ou da Companhia Energética de São Paulo (Cesp). E quando as coisas muda-

Primeira piloto da história da aviação comercial brasileira, Arlete Ziolkowski é dotada de extraordinária persistência. Levou treze anos para conquistar, contra tabus e preconceitos, o direito de pilotar um grande jato e fazer carreira como qualquer colega homem.

ram na Vasp, abrindo novo recrutamento de pilotos, em outubro de 1986, lá estava a incansável Arlete teritando provar que podia pilotar em igualdade de condicões com os candidatos masculinos Aprovada, ela acabou sendo eleita madrinha da turma, que passou a ser conhecida então como "a turma da Arlete".

A ascensão profissional do piloto para um grande jato de passageiros sempre causa apreensão. Arlete temeu de início o simulador de võo – aparelho que reproduz com fidelidade o desempenho real do Boeing para efeito de treinamento –, trauma de muitos novatos, considerado máquina de fazer doido, "Mas fui me saindo bem", relembra, "depois, no treinamento efetivo no avião real, fui me adaptando, ganhando a confiança que tenho hoje". Por isso, não crê na diferenca de de-

sempenho de pilotagem, entre homem e mulher. Nem vê diferenças frente a uma emergência séria, "que graças a Deus nunca tive", explica, "porque a sensação amarga na boca, numa situação dessas, aconteceria tanto na minha quanto na de um colega".

## Uma vida diferente

Sua profissão a impede de pensar em vida familiar convencional. A escala de piloto pode colocá-la dias seguidos longe de casa, coisa que dificulta o convívio social rotineiro das demais pessoas e que gera conhecidos conflitos, para os colegas homens. Mas não vé razão para dificuldades, apenas encara a flexibilidade que deve nortear o relacionamento. "Dá perfeitamente para a mulher levar a vida que estou levando", argumenta, "pois se minha

curinada espera meu irmão quando passa dias voando, porque meu marido não poderia fazer o mesmo?"

não poderia fazer o mesmo?"

De qualquer modo, embora não descarte a possibilidade de casamento, crê que agora será mais difícil, embora se de superbem com o namorado, professor da Fundação Getúlio Vargas. Mas está decidida a não ter filhos. "Se resolver criar um, adotarei uma criança",

De início ansiosa com a responsabilidade de ser a primeira, devido ac peso que lhe lançavam sobre os ombros frases como "você é nossa representante e nosso orgulho", acabou se descontraindo com os votos de incentivo e encarando tudo como "uma corrente positiva muito forte, traduzindo a satisfação das mulheres pela que eu estava conseguindo".

Agora, enquanto mantem o aprimoramento técnico indispensável à profissão, ela vai introduzindo na aviação brasileira um cuidado extra: "Claro que estou cuidando da peiel Uso muito os cremes e líquidos hidrantes. Pórque a pressurização dos aviões judia um pouco, coisa que as comissárias de bordotambém sentem. E ninguém quer envelhecer antes da hora, certo?"

Musheno Ser.787

## No ar, Sem Limitações

édico e também piloto "free-lancer", Afrânio Ziolkowski, irmão de Atlete, refuta o chavão machista de que a mulher seria fisiologicamente inferior ao homem para pilotar. Resiste às generalizações, porque cada ser humano e cada caso — independente de sexo — deveria ser examinado individualmente. Mas arrisca uma teoria:

"O grande medo, no avião pressurizado, é que uma brusca variação de pressão conduza o piloto à inconsciência, por isquemia ouhipopressão. Mas a mulher, por causa de suas variações hormonais, tem ciclos de pressão, como no parto — que é o instante de pressão máxima no sistema hidráulico fechado do organismo feminino —, que a colocam fisiologicamente adaptada às intempéries do vôo. É mais comum a ruptura de aneurisma cerebral no homem do que na mulher".

A cabine dos jatos provoca outros transfornos no organismo. Sua atmosfera é arti-

cialmente criada, o que implida na reprodução insuficiente das condições existentes na natureza. A concentração de gases na cabine não obedece às condições fisiológicas normais. E o ar interno, que é muito seco, por causa das limitações técnicas da engenharia aeronautica, deseguilibra a capacidade de corpo preservar a proporção de água que lhe traz bem estar Tudo isso causa prejuízo às células, provocando o notório envelhecimente precoce dos aviadores

Se esses fatores podem ser suavizados mediante recursos como ingerir muito fiquido e aplicar cosméticos, resta à mulher aviadora enfrentar no plano psicológico um arraigado fenômeno social, "A imitação da mulher, sentindo-se inferior eo homem", raciocina Afrânio, "pode estar vinculada à maneira como ela enfrenta a posição de submissão que o machismo lhe impõe". E ilustra: "A Arlete, neste pormenor, não tem limitação alguma. Já voei come co-pileto dela, ele lá voou

como minha co-piloto, E não há nenhum sentimento de interioridade ou de superioridade nessa relação. Ela se preparou para se diferenciar do conceito grupal de machismo, que impõe a inferioridade feminina. Porque se todas as mulheres se prepararem profissionalmente como os homens, provavelmente acabará o machismo".

Edvaldo Pereira Lima é jornalista especializado em aviação, mestre em Comunicação e professor da ECA- USP

## Organização contra velhos preconceitos

Os critérios eliminatórios que pairam sobre diferentes profissões não chegam a se igualar ao das secretárias, que enfrentam um dos mais altos índices de discriminação do mercado de trabalho.

## **UA CARNEIRO**

- Cargo pretendido?
- Secretária.
- Estado Civil?
- Casada.
- Sinto muito, para o cargo só aceitamos mulheres solteiras.

ssa situação, repetida nos exames de seleção, acrescidos de mais alguns itens, levam muitas candidatas a serem rejeitadas logo de início.

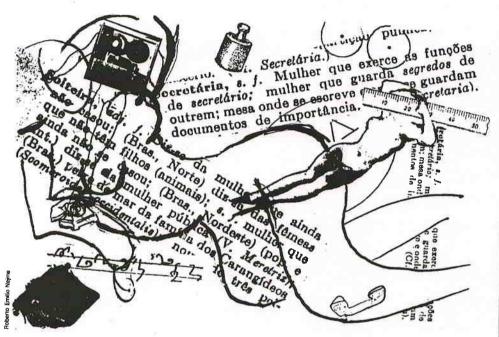
Idade: o mercado nacional trabalha apenas na faixa entre 20 e 30 anos. Exceção feita às multinacionais, que apesar de tudo merecem um voto de louvor por espelharem um grau mais avançado nas relações trabalhistas, que normalmente exigem profissionais acima de 35 anos. Dessa maneira, aquela secretária com mais de 20 anos de bagagem, que resolve "ousar" em salário mais condizente com as funções acumuladas, esbarra no código caótico do "País dos jovens".

Estado Civil: o argumento utilizado para respaldar a exigência é sempre a "disponibilidade de tempo". Esse conceito envolve outros preconceitos que serão relacionados a seguir. No momento, é possível ressaltar a velha ideia da impo ssibilidade da mulher que trabalha fora conciliar tarefas domésticas e sua profissão. A comparação é grotesca, mas esclarecedora: dançarinas de cabaret não podem ter família

Cor da pele: aqui o preconceito racial brasileiro, devidamente maquiado pelas palavras cívicas que enaltecem a democracia étnica desmorona. Basta observar o mercado como um todo, sem contar os executivos considerados excêntricos, e não se localiza uma secretária negra, a nível de diretoria.

secretaria negra, a nivel de diretoria.

Aparência física: ninguém sabe de onde surgiu o estereótipo, e apesar do
Aurélio definir a função como quem
classifica, estenografa, datilografa e
redige correspondência, o povo tem
uma definição bem mais próxima dos
critérios de seleção: secretária é quem
atende o telefone; bate umas cartas;
fofoca o dia todo, não sabe fazer contas e, sempre, tem de ser bonita, andar
com roupas justas, decotadas ou
transparentes e fazer o inevitável "se-



## Fazendo os cálculos

A somatória de todos esses fatores eliminatórios ainda tem o agravamento do personagem / candidato tratar-se de uma mulher. Daí é só acrescer todas as discriminações de praxe e chegar até a questão salarial. Basta comparar os rendimentos de um secretário particular, geraimente batizado de assessor, com os de uma secretária particular.

Só para dimensionar a questão, é estimado que a profissão de secretária existe há quarenta anos no país. Apenas em 1976 foi criada a Associação Brasileira de Entidades de Secretárias (Abes) que começou a brigar pela regulamentação da profissão. A luta durou quase dez anos e, finalmente, em 1985 o objetivo é alcançado. Os boatos dizem que a condição de "secretária" de Roseana Sarney, filha do presidente, ajudou e muito a aprovação do projeto. Mas o projeto aprovado ignora os direitos adquiridos. Assim, o Ministério do Trabalho só reconhece como secretária-executiva a mulher que tem um diploma universitário qualquer, cinco anos de trabalho ininterrupto ou dez anos intercalados. Em outras palavras: uma secretária com nove anos de carreira não é regulamentada se não tiver permanecido cinco anos na mesma empresa. Mas mesmo que essa condição seja preenchida, os quatro anos restantes de trabalho são ignorados. Para a secretária-técnica, exige-se os mesmos períodos e diploma de nível

médio ou técnico em secretariado reconhecido pelo MEC.

## Objetivo: sindicalização

De acordo com os dados da Associação das Secretárias do Estado de São Paulo, se enquadram na lei cerca de 2 mil profissionais em todo o País. quando, hoje, apenas em São Paulo, existem 60 mil profissionals com registro em carteira. Sabe-se que esse projeto data dos anos 70 e, se é inviável atualmente, o que se diria na época? Fora o problema dos anos de trabalho, lembrando que uma secretária com nove anos de serviço, por exemplo, numa média de dois anos em cada empresa, não tem direito ao registro, existe a questão do diploma. Com salários baixos, não é muito fácil arcar com uma faculdade, que pelo menos até 1985. teria que ser de Letras ou área semelhante, já que só a partir desse ano funcionam faculdades de secretiariado como a da PUC e da Anhembi-Morumbi, em São Paulo.

Apesar de nem ter sido consultada sobre a aprovação de tal projeto, a Abes considera sua aprovação uma vitória. Agora, tenta junto aos constituintes que seu próprio projeto seja aprovado, revogando o anterior. No momento, a Associação Paulista, com 2.500 associadas, está preocupada em promover cursos por preços acessiveis, sempre ressaltando o fato da instituição não ter fins lucrativos e a esperança de conseguir chegar até a sindicalização. Enquanto o sonho não se

realiza, a única ação fica na denúncia de "certos" tipos de abusos, ainda que não juridicamente, pela falta de amparo legal. Foi o que aconteceu com o comercial de um desodorante, onde aparecia a secretária arrumando a mala do seu patrão / amante. A Associação conseguiu tirar o comercial de circulação, com cartas que reclamavam do papel atribuido à secretária, que não arruma malas. Resta frisar que o protesto não tocou na clara imagem que o comercial passa de um relacionamento íntimo entre os dois.

A presidenta da Associação Paulista das Secretárias, Leida Maria Mordanti, constata o medo da denúncia aos abusos sexuais e diz que eles passam por intenções de receber aumento salarial. ser despedida e até mesmo de estar realmente apaixonada pelo patrão. Tudo fica na esfera do individual, onde se coloca que a maioria das secretárias sabe bem o que quer e que, então, só depende dela. Casos de denúncia como o ocorrido há alguns anos em São Paulo, onde a secretária denunciou as ameaças de demissão por não ceder aos desejos do patrão - conseguindo que o executivo fosse transferido para outra filial da empresa, sem perder o seu cargo de secretária - são raras exceções. E as associações ditam que só poderão fazer qualquer tipo de denúncia quando o sindicato existir. Al prometem acionar até a Delegacia da Mu-

Lia Carneiro é jornalista em São Paulo

40 Mulheric Set./87

## SARJETA

"Sou a poetisa da sarjeta, sou uma ave vagueira", Assim se define Maria Elisabete Lima Mota, uma mendiga-poeta

POETA DA

três livros de poesia publicados e prepara um romance: A Filha do Militar, mais uma xerox da vida.

que já tem

Gida Seuza

Elisabete: "Tenno status sem feljão no prato"

## E DA LUCIDEZ

### PAULA MAGESTE

aria Elisabete Lima Mota chegou a São Paulo há 23 anos e sua história, como ela mesma conta, "é muito triste, de muito realismo, muita miséria, muita forne — um xerox da vida". Seus livros, mais do que a reunião de escritos sobre suas experiências, são uma forma de desabalar, de tornar possível a existência, de não enloquecor. E nem sempre funciona.

Durante sua estadia no Mineirão em 1993, o maior cortiço da capital paulisia, hoje extinto, conheceu uma voluntaria da Organização do Auxílio Fraterno (OAF), Mara do Amaral, que a ajudou a editar suas poestas num livreto immegrafado, Poesia da Sarjeta.

Três arios depois, a editora Paulinas se interessou pelo trabalho de Elisabete e cedeu uma pessoa para ajudá-la a escrever seu segundo livro, Ave Vagueira. O terceiro, Declaro que Estou em Tormento, foi laricado pela Editora Espaço e Tempo, com distribuição da Vozes, no final de abril. Elisabete explica a escolha do título: "Llian, minha tislha do meio, tinha se perdido no metro e u estava atormentada. Cheguei para a editora Rosemarie Muraro e disse 'declaro que estou em tormento', ela gostou e o título ficou. Sou assim mesmo, gosto das coisas com realismo".

## Multos sonhos pela frente

Elisabete espera um dia poder viver da venda de seus livros, apesar de sua experiência e decepção em relação ao anteriores. Da edição de um deles, recebeu Cz\$ 1.500 como adiantamento e 10% dos exemplares de uma tiragem de 3 mil para efeito de direttos auto. Tudo o que conseguir foi uma seria de entrevistas para a televisão, uma dentrevistas para a televisão, uma dentrevista para a televisão, uma dentre de televisão, uma dentre de televisão de televisão, uma dentre de televisão de televisão, uma dentre de televisão, uma dentre de televisão de televisão, uma dentre de televisão, uma dentre de televisão, uma dentre de televisão, uma dentre de televisão de televisão, uma dentre de televisão, uma dentre de televisão, uma dentre de televisão de televisão, uma dentre de televisão de televisão.

tadura riova e passeios com as filhas, além de algumas internações em mahi-

Agore prepara A Filha do Militar, sou prunie ro romance, embora alirme, que seus poemas "são quese uma história". O livro conta um pouco do vida do paí de Betinha — como é conhecida por seus companheiros de rua —, que aos 15 anos foi colocado na "volante", uma frente formada pelos militares para combater Lampião.

"Meu pai foi usado. Foi um barato escrever esse livro; a história e muito borista. Vou publicar, nem que os militares me cubram de porrada, nem que cortem a aposentadoria do meu paí Ai eu escrevo O Desaposentado da Policia Militar".

Mas, quem é a filha do militar? Elisabete conta sua própria história: "A filha do militar é uma menina de colégio de freira e católica, que foi estuprada e expulsa de casa pelo preconceito da cidade baiena de Araci, do pai e das amigas. Essa menina encontra uma amiga com uma história quase igual à dela e as duas vêm para São Paulo, Elisabete começa a trabalhar como empregada doméstica, a outra prefere a rua. Um dia, ela a leva para a "boca": "Uns marginais me arrastam para um casarão, me dão uma picada de tóxico e me estupram de novo. Fiquei mais abobada ainda. ".

Para amenizar o sofrimento da miséría e do desconhecido, Betinha vai escrevendo. Luizinho, uma espécie de cafetão, a persegue. Ela foge e é recapturada diversas vezes, até que um policial, Túlio, a salva. "Túlio è uma figura do passado. Ele me dava dinheíro, mas éramos apenas amigos".

A vida dificil e turnultuada de Elisabete "degringolou de ver" depois do casamento com Pedro Pereira de Carvalho, um caminhoneiro que a abandonou grávida com a desculpa de compracleite, há seis anos, Esse casamento, do qual tom três filhas — Sandra, agora com 14 anos, Lilien, cem 9; e Goret, com 6 anos —, é o único arrependimento que tem na vida. "Nos vivemos uma aventura. Acho que ele é pirado. Não sei o que ele queria de mim".

## Um duro caminho

Atualmente morando na Favela do Carandiru, próxima ao Shopping Center Norte, na Zona Norte de São Paulo, Elisabete diz que o pior sofrimento é não ter onde morar. E esse é um assunto sobre o qual fala de cadeira: já morou no Mineirão, na baixada do Glicério, "em mocós, pensões loucas e na rua". Aliás, Betinha afirma ser esse o motivo de suas internações,

"Esse negúcio de Hospital Psiquiátrico var acabar na minha vida. Não sou débil mental. Quando fico sem casa, piro, mas despiro sozinha quando encontro de novo a esperança de motar. Minha cura é moradia".

Esse apelo, que se faz necessário de tempos em tempos na vida de Elisabete, ela estende ao Movimento dos Serri-Terra: "Vou pedir para os Sam-Terra que se lembrem da Elisabete. Mesmo lá dentro, vou continuar escrevendo pelo povo que não tem onde morar, por meus companheiros de rua",...

A poeta da sarjeta chegou a ficar băbada durante seis meses, quando foi obrigada a deixar suas filhas na Febern para pedir esmolas na rua. "Tomava uma gariafa de pinge para criar coragem e não era suficiente. Pedir é a coisse mais difícil do mundo". Embora não pracise mais "pedir", Elisabete ainda sente da perto o drama dos que vivem da esmola. Claudionor, Nonó, seu mais recente companheiro, é um deles. "A gente não está mais junto por-

que ele me pediu a liberdade dele. Só que a liberdade dele é morrer, morrer porque não agüenta essa vida de pedir na rua. Gosto dele, mas não tem jerto, Ele var morrer e eu vou sofrer muito. Tenho medo de pirar".

Ser famosa é uma faca de dois gumes. Elisabete já foi a personagen: central de algumas reportagens onde segundo ela, as informações não eram corretas, "Dizem que eu sou prostituta. Que história é essa? Sou uma mu ther direita, religiosa; já fui casada Sou uma pessoa marcada. Ando muito, mas sempre com minhas filhas. Es tou na Comunidade hà 13 anos e morei com Claudionor. Sou uma mulher que paster, morei com pessoas, caser e fui uma dona de casa direita. No começo chequei a me prostituir com um revol ver apontado para mim, fui forcada. Fi ca chato sair essa história de prostituta no jornal. Sou uma pessoa aberta, conto minha história, e tem uma poesia que fiz: Sou a prostituta./ sou o menor abandonado./ Sou todas e todos / que todos deixaram de amar."

Elisabete já tentou voltar para sua cidade muitas vezes, especialmente depois que seu marido a abandonou. No entanto, sua madrasta "judia do pai e acabo não podendo ficar". Morar em Araci é um dos grandes sonhos de Betinha: "Vivo um pouco aqui e um pouco lá; não fisicamente, mas na minha cabeca. Nunca vou esquece: minha cidade; gosto tento de lá...".

Afora a luta por moradia, Elisabete tern outras necessidades prementes: uma editora para ajudá-la a terminar seu romance e uma máquina de escrever. Os projetos, escrever um livro sobre psiguiatria, baseado em sua experiência pessoal, e outro sobre a Favela do Carandiru. "Esse livro está incrível, já está prorito na minha cabeça. Mas, só vou poder escrever depois que sair tel la".

44 Moment

## Trabalho Feminino em discussão

SANTAMARIA SILVEIRA

ara discutir "A Mulher e a Legislação Trabalhista", o Conselho Nacional dos da Mulher (CNDM) està chamando para o debate sindicalistas de todo País, que numa primeira rodada estarão reunidas por Estado, O primeiro encontro preparatório para o nacional em novembro aconteceu em São Paulo no dia 29 de agosto. pois da Constituinte, as atenções do CNDM se voltam para a luta pelas mudanças das leis ordinárias, sendo a CLT uma das prioridades", parante Jacqueline Pitanguy, presidenta do CNDM

Em São Paulo, a discussão reuniu cerca de setenta sindicalistas, que trabalharam em cima de um documento elaborado pelo Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF). "O objetivo do encontro", diz Suel Carneiro do CECF, "é propor mudancas para que a CLT venha refletir o avanço da mulher no mercado de trabalho", no qual elas ingressam todo ano numa porcentagem superior à dos nomens.

As mudancas, no entender das participantes do encontro, devern ocorrer inicialmente no âmbito da lei, apesar das garantias limitadas de sua aplicação. "O Estado deveria garantir o cumprimento da lei", analise Nair Goulart, ex-diretora do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, "embora sejam os sindicatos; algumas vezes, que têm cumprido o papel de fiscal. Mas num País como o nosso, onde a violência impera, a fiscalização sindical é quase impossível de ser realizata".

Mesmo com todas as limitações, os sindicatos têm obtido uma série de reivindicações trabalhistas específicas das mulheres através de acordos coletivos. É o caso da licença-aborto, obtida pelas trabálhadoras da Indústria têxtil, que se amplia de quinze dias para quatro semanas "Isso também não foi fácil", comenta Nair, "porque a conquista de acordos específicos para a mulher começou há pouco tempo". Nair enfatiza a discriminação que ainda

Até o final do século, as mulheres serão 50% da População Economicamente Ativa do Brasil. Este dado já justifica o "Encontro Nacional sobre A Mulher e a Legislação Trabalhista, em novembro, atualmente em sua fase regional de discussão; e o seminário "A Mulher eo Trabalho no Brasil", realizado dentro da "J Jornada do Comitê das Nações Unidas no Brasil Contra a Discriminação à Mulher".

existe contra as mulheres nos sindicatos. "Elas enfrentam muita chacota e sofrem discriminação para ascender à diretoria"

## Trabalho Noturno: ampliar?

Um dos pontos mais polêmicos do encontro de São Paulo foi a discussão em torno do trabalho noturno para a mulher. Para Sueli Carneiro ele deveria ser aprovado desde que houvesse consentimento por parte da mulher trabalhadora, porque a situação é de crise "e não podemos restringir o mercado de trabalho". Sublinhando a afirmativa de Sueli, Nair Goulart lembra que o mais alto indice de desemprego está nas indústrias de eletro-eletrônicos, responsáveis pelo emprego de um terco das mulheres metalúrgicas.

'Na tentativa de driblar a crise", admite Nair, "os empresários estão fazendo rotatividade, admitindo a cada vez as mesmas trabalhadoras por um salário sempre mais baixo, além de não configurar na carteira de trabalho a classificação correta. Por exemplo, uma montadora acaba registrada como ajudante, ganhando um selário menor do que um horrem na mesma função, devidamente registrado," O encontro regional acabou aprovando a proposta que estabelece o trabalho noturno apenas para as categorias essenciais. Também não foi aprovado o adendo que obriga a ser respeitada a convenção coletiva dos diferentes sindicatos. Muitas sindicalistas temem que, se liberado o trabalho noturno sem restrições, os patrões comecem a fazer pressão junto às trabalhadoras

para ampliarem sua jornada.

### Aposentadoria: mantidos 25 anos

Outro ponto discutido no encontro foi a manutencão da aposentadoria para a mulher aos 25 anos, justificade pelo fato de a trabalhadora ter dupia jornada de trabalho e um desgaste maior do que o homem. Tanto que, na indústria, o tempo útil de uma operária é bem interior ao de seu colega homem. Primeiro, porque ela, na maioria das vezes, não é cotada para uma especialização, levando sempre desvantagem profissional; segundo porque as tábricas discriminam a mulher casada, o que leva grande parte das mulheres a manterem suas carteiras profissionals de softeira.

"A aposentadoria aos 25 anos é uma discriminação positiva da legislação brasileira e deveria ser mantida", diz Jacqueline Prianguy. Sueli Carneiro endossa a manutenção: "O ideal seria que homens e mulheres se aposentes-sem com o mesmo tempo de serviço, porém, considerando que a sociedade não avançou o suficiente para liberar a mulher da dupla jornada, a solução é mantier os 25 anos". Já o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, apesar de afirmar não ter opinião a respeito, argumenta o contrário, ao garantir que o tempo é uma questão relativa, "uma vez que muitas pessoas se aposentam e continuam trabalhando".

## Creche e Preconcelto

No Brasil, apenas 10% das trabalha-

doras têm acesso a creches, dal o assunto continuar sendo um dos mais graves para a mulher trabalhadora. Na busca de uma solução, o encontro propós a obrigatoriedade de creche para empresas com quinze mulheres em seus quadros, quando a lei atual tala em trinta. Estabelece ainda multas para as empresas faltosas e fiscalização mais efetiva, além de convênios firmados entre o CNDM e os Ministérios da Saúde, Educação e Previdência e Assistência Social para supervisão técnica de implantação e manutenção das creches conveniadas e nas empresas.

Só para citar um exemplo da compiexidade do problema das creches, Nair lembra que a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e o Sindicato dos Metalúrgicos têm um entendimento para criar uma Comissão de Creche. "Mas depois de assinado o acordo está difícil sentar na mesa para viabilizar a questão", pondara Nair. "A alternativa até hoje tem sido o auxilio-creche, também previsto no documento do encontro."

Mas nem tudo foi consenso, neste encontro de São Paulo: a discriminacão da trabalhadora negra gerou polêmica. Sueli Carneiro propôs que no artigo III do Capítulo dos Direitos da Mulher Trabalhadora ficasse configurada a "garantia de tratamento igualitário às 
mulheres negras", o que não foi aprovado pelo plenário. "O destaque é importante", explica ela, "porque vai reafirmar ocorrencias geralmente veladas.
A lei tem de reconhecer a discriminação para que se combata o bloqueio ao 
acesso e promoção da trabalhadora 
negra".

Para Sueli Carneiro, a minimização de sua proposta foi uma nova discriminação: "Quando se veta uma questão como esta se mantêm o racismo velado. Entre as mulheres, isto significa manter o acesso privilegiado das mulheres brancas no mercado de trabalho." Afirmativa sustentada pelas pesquisas: 69% das trabalhadoras negras estão na agricultura e prestação de serviço, sendo que apenas 2% ocupam cargos de nível superior.

Mulherit Set /87





HERES EM LUTA PELA IGUALDADE DE DIREITOS. VIVA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA LUTA DA I

primeira mesa de debates da "I Jornada do Comitê das Nações Unidas no Brasil Contra a Discriminação à Mulher", realizado em São Paulo de 30 de agosto a 1 de setembro, tratou do trabalho. O Comitê, conhecido pela sigla Cedaw, tem como objetivo avaliar a aplicação da Proclamação Universal dos Direitos da Mulher nos países que a ratificaram, caso do Brasil.

O estudo do Cedaw na área trabalhista brasileira resultou num documento, elaborado por Marise Egger-Moellwald, da Oboré -Assessoria Sindical, e traz dados inquietantes, co-mo, por exemplo: mais de 70% das trabalhadoras ainda se concentram nos chamados guetos femininos: 20% são empregadas domésticas; 20% operárias; 12% agricultoras, 12% secretárias, 7% balconistas e 7% professoras

A questão das garantias trabalhistas também é abordada no documento. Cerca de 70% des mulheres trabalhadoras são assalariadas, sendo que 49% não possuem carreira profissional assinada. Número que cresce assustadoramente no campo, onde 94% das agricultoras não têm esse documento. Para Alda Marco Antonio, ex-secretária do Trabelho, as blitz que sua secretaria realizou foram um dos instrumentos mais importantes para denunciar a discriminação contra a mulher e garantir mínimos direitos trabalhistas.

Também em termos salariais as mulheres estão em grande desvantagem com relação aos homens. Além de não serem reconhecidos o valor econômico do trabalho dornéstico, a aposentadoria para a agricultora e a empregada doméstica, dados de 83 apontam que 47% das trabalhadoras brasileiras ganham menos do que um salário míni-mo - caso de 28% dos homens - e 14% não possuem qualquer renda.

Para Alda Marco Antonio, o governo brasileiro ainda é machista e prova isto através da falta de uma política voltada para a mulher trabalhadora. capaz de desencadear uma mudança de costumes que viesse sedimentar as leis e coibir a longa série de discriminações que ela sofre.

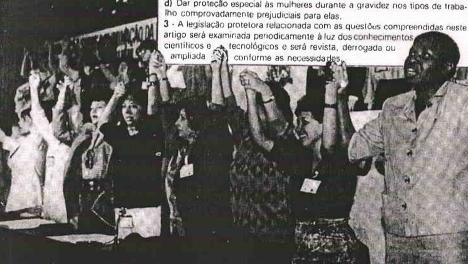
O documento do Cedaw traz também um levantamento das reivindicacões realizadas pelas trabalhadoras ao

longo da última década, com base em encontros, congressos, seminários e outros eventos que reuniram trabalhadoras da indústria de transformação, manufaturados, serviços, movimentos populares e de mulheres e movimentos de organização. As trabalhadoras urbanas reivindicam, entre outras cuisas. a extinção do teste de gravidez para o ingresso nas empresas, aceitação de atestado médico de doença do tilho para abono de faltas ou atraso dos pais, ficença gestante conjunta e fim do controle da ida ao banheiro, que existe com base na desculpa de que as mulheres vão ao banheiro para conver-

O documento do Cedaw aponta como prioridades a serem garantidas pelo governo: direito ao trabalho, fiscalização do cumprimento da Legislação Trabalhista e das Condições do Trabalho, proteção por ocasião da gravidez, parto, aleitamento e cuidado com os filhos. E destaca os Conselhos de Defesa dos Direitos da Mulher, federal, estaduais e municipais, como os instrumentos políticos mais adequados para proporem essas mudanças de maneira efetiva

## Proclamação Universal dos Direitos da Mulher Artigo 11°, referente ao trabalho

- 1 Os Estados Partes adotarão todas as medidas apropriadas para eliminar a discriminação contra a mulher na esfera do emprego, a fim de assegurar, em condições de igualdade entre homens e mulheres:
- a) O direito ao trabalho como direito inalienável de todo o ser humano.
- b) O direito às oportunidades de emprego, inclusive a aplicação dos mesmos critérios de seleção em questões de emprego.
- c) O direito de escolher livremente profissão e emprego, o direito à promoção e à estabilidade no emprego e a todos os beneficios e outras condições de ser viço e o direito ao acesso à formação e à atualização profissionais, incluindo aprendizagem, formação profissional superior e treinamento periódico.
- d) O direito à remuneração, inclusive benefícios, e igualdade de tratamento relativa a um trabalho de igual valor, assim como igualdade de tratamento com respeito à avaliação da qualidade do trabalho.
- e) O direito à seguridade social, em particular em casos de aposentadoria, desemprego, doença, invalidez, velhice ou outra incapacidade para trabalhar, bem como o direito a férias pagas
- f) O direito à proteção da saúde e à segurança nas condições de trabalho, inclusivo a salvaguarda da função de reprodução.
- A fim de impedir a discriminação contra a mulher por razões de casamento ou maternidade e assegurar a efetividade de seu direito ao trabalho, os Estados Partes tomarão as medidas adequadas para.
- a) Proibir, sob sanções, a demissão por motivo de gravidez ou licença de maternidade e a discriminação nas demissões motivadas pelo estado civil.
- o) Implantar a licença maternidade, com salário pago ou beneficios sociais comparáveis, sem perda do emprego anterior, antiguidade ou beneficios so-
- c) Estimular o fornecimento de serviços sociais de apoio necessários para permitir que os pais combinem as obrigações para com a família com a responsabilidade do trabalho e a participação na vida pública, especialmente mediante o fomento da criação e desenvolvimento de uma rede de serviços destinados ao cuidado das crianças.
- d) Dar proteção especial às mulheres durante a gravidez nos tipos de traba-



Muitos dos direitos configurados na Proclamação dos Direitos de Mulher não são assegurados pelo governo brasileiro



No livro de Maria Julieta, uma antiga foto do poeta com a dedicatória: "A filhinha querida, este jolilo do papal e da mamãe"

## Memória Feminina contada



## em livros

### MARIA LÜCIA DE BARROS MOTT

Drojeto ata outro lazer uma resenha dos livros Diário de uma garota da escritora recem falecida/Maria-Julieta/Drommondde Andrade e Os anos 40 de Rachel Jardimi. Porémi, a estes depomentos fur incorporando outros, lembrancas de mulheres, cujas vidas também feram impressass. Tormando-

se assim um mosalco da parte fermina da sociedade brasileira. Um acervo rico e dispontivel que supre, em parte, a carrência de fontes fora do estudo da história das mulheras, o que é melhor, nas várias fases da vida merina, adolescente, adulta taté a velhoet. Minhe contribuição restunga-se a fornecer a relação dos livros de memórias e diários que deparei em sebos, livranas, bibliotecas e leia-livros da vida. Apenes

cinco Estados acham-se representados. São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Parená e Rio Grande do Sul-Não foi proposital esta fixação no Centro-Sul. Simplesmente não encontrei representantes de outros Estados. Existem, com certeza, editados por empresas logais ou "edições da outora", com distribuição restrita

Um inventário deste npo de produção literaria feminina podena ser feito através das páginas do Mulherio, com a contribuicão dostasi leitorestasi. E vou mais longe; minhe esperançe em publicar esta relação não foi apenas vé la aumentada mas motivar estudos, seja uma análise saborosa do conjunto, ou então temática, já que moitos temas são rocorrentes: relações temairares e atins, socialização, educação formal, religiosidade, fazer toinema e loituras) e sexualidade, gentre outros.

## 

ANDRADE, Maria Julieta Drummond, Diário de uma garota, Rio de Janeiro, Record, 1985, 114 p.

Diário escrito por uma menina de 13714 anos (1541/2), moradora do Rio de Jarierro, que val passar as férias na casa da avo em Belo Horizonte. Relato dos três meses de fé

Helato dos trea meses de le las, coupados com brincaderas, visitas, passolos, ciriema — muito cinema! igreja e piano. A menina é filha do poete Carlos Drummond de Andrade.

AZEVEDO, Helona S. Castro de (psoud.), Uma vida como outras. São Paulo. Anhembi, 1955-538 p

Não foi possível localizar o verdadeiro nome da auto rei, As lembrancas de Hele na remoniam ao inicio do século XX. É a ellite que morava nos casarões da Avenida Paulista, cujos filhos tinham governanta estrangeira, passavarn as feiras na fazenda da avó, lam às matinées do Cinema Congresso e viajavam para a Europa. Um pai fiberal deixava d filha ler Oscar Wilde. O relato termina nos pimelios anos de casada de Helenamorando no interior de São Paulo.

CARDOSO, Mana Helena Por onde andou meu coração, 4º sdição. Bio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. / Pro-Memória/INL, 1564-537 p.

Maria Helena à minuira. Descreve o saga de sue familia às vezes pobre, ils vezes temedada, attavés do interior daquele estado em meedos do século XX, inspludos finalmente no Rio de Jarento, ja no inicio da 2º juerra. O livre escrito em 1963 è fasci nante e caudalose em intormações Maria Helena é irmã do escritor Lúcio Cardo-

DIAS, Clotilde do Carmo. Aluna do telhado. São Pau-

io, Loyola, s.d. 220 p.
Nascida em Portugal,
Clotide veio com a familia
para o Brasil quando tinha 4
anos de idade (1906). foram
trabalhar na lavoura no intetior de São Paulo, Morando
ora na casa de um, ora na
casa de outro, mesmo depois de casada, relata sua
vida de mulher pobre. Tarmina as lembrancas em
1972.

GATTAI, Zèlia Anarquistas, graças a Deus. Rio de Janeiro, Record, 1979, 271

Filha de imigrantes italia nos tadicados em São Paulo, anarquista do lado paterno, católicos do lado materno. Zélia descrave a vida na capital paulista nos idos anos 20 e 30. Participou de reumbes políticas juntamente com as pais, do 1º de maio, das festas de greja, dos bailes no Palestra Itália. Zélia é casada com e escritor Jorge Amado.

GATTAL Zélia Um chapéu para viagem 2º edição Rio de Janeiro, Riscord, 1982, 250 p.

Casada aos 19 anos, logo separada o com um filho, Zália conta neste livro sua vida nes anos 40, quando na militáncia política conheceu Jorge Amado. Casada novamente, acompanhou o marido nas andanças políticas e literárias. Parte do livro é dedicado à história da família Amado. A narrabva termina em 1948, quando os mandatos parlamentares dos deputados comunistas foram cassados e a familia mudou-se para a Europa.

JARDIM, Rachel. Os anos 40, 4º edição, Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, 189 p.

As memorias da mineira Ractiel Jardini têm como fio condutor "fatos, perlis e emoções", não seguem portanto ume ordem cronológica rigida. Lembrancas vão e voltam na busca de sua identidade. Addiescente

nos anos 40 em Minas, aportou com a tamilia no Rio de Janeiro orde frequentou a PUC, o testro de Maria Clara Machado, as rodas boêmias e de intelectuais.

JESUS, Vera Tereza de Ela e a reclusão — O condenado poderia ser você. São Paulo, Edições O Livreiro, 1965, 308 p.

Nascida no interior de São Paulo, Vera to: "dada" pela mãe aos 9 anos de idade, para trabalhar em casa de familia. Interna por furto no juizado de menores, depois de uma fuga acaba no manicâmio (choque, injecões, etc.). Colocade em liberdade, por bom comportamento, aos 14 anos (1949), trabalhou como dosendo presa por furto. A parte final do livro refere-se aos reveses da vida de egressa.

MORLEY, Helena (pseud I Minha vida de menina 10ª edicão, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1969, 271 ρ.

Helena Morley é pseudômmo de Alace Dayrell Caldeira. Brant. Seu diano nara o cotidano de uma adolescente do interior de Minas, no final do século. XIX. (1893-1895). Consta que a segunda parte do dráno eão tos editada por censura fametar

NEVES, Conceição da Dosta Rua sem fim São Paulo, Edomeris 1984-176 p. 1º volume

Conceição da Cesta Neves / Fegina Maura / Conceição Santamaria, natural de Juiz de Fora (1908/MG), foi massagista, atriz e deputada. Percorre em seu liviro os caminhos da infância e adolescôncia, do casamento e maternidade, do teatro de revista e da política. (Resenha: Mulherio nº 24 jan./fev. 1986)

Nicolelis, Giselda Laporla. O exercício da paixão. São Paulo, Nobel, 1985.

Giselda é escritora (literatura intanto-juvenidi. Suas membrias já se utilizam de uma certa critica feminista. Descendente de migrantes italianos, sua adolescência franscorre ne Brás (São Paulot nos anos 40, O livro refore-se também à vida profissional mais recente da

PENTEADO, Yelanda Tudo em cor-de-rosa. 2ª edição São Paulo, Edicão da Autora, 1977, 283 p.

Yolanda conheceu o lado rizo da vida. Descendente dos legendários barões do caté do Ceste Paulista, conviveu com mitos no Brissi (Santos Dument, Asan Chateautinand, Társila, Oswald, Ciccilo Matariazzo com quem se cascial e no Exterior (Chaplin etc.). Parricipou ativamente do vida cultural brasileira nos anos 50 e 60 (Festival Internacional do Cinema, Museu de Arte Contemporánea, Biepai etc.).

SILVEIRA, Heiena Paisagem e memória, São Paulo, Editora Paz e Terra e Secretaria Municipal de Cilitura de São Paulo, 1983, 240 p.

Heiena Silvetra portence a uma familia de escritores famosos, tendo sido ela mesma escritora e jornalista tiniciou na imprensa como cronista social, o que lhe possibilitoti conviver coni destacadas personalidades do maio intelectual entre os anos 40 e f60

(Resenha, Mulherio nº 17, jul./ago, 1984).

Este levantamento continua no próximo número

Maria Lúcia de Barros Mott é membro do Conselho Editorial do Mulherio e pesquisadora de História.

## Um Centenário fora da Lei e dos preconceitos

rante algum tempo na "Freguesia da

Escada", até poder voltar a Barbace-

na. Al, retomou o trabalho de profes-

sora de preparatórios

## MIRIAM MOREIRA LEITE

á um século, em 1887, nascia em Manhuassú, Minas Gerais, uma menina estrábica que viria a ser conhecida, muito tempo depois, pela sua beleza e coragem, mas principalmente pela sua rebeldia Ela é Maria Lacerda de Moura, que cresceu e foi educada em Barbacena, Minas Gerais, onde fez suas conferências iniciais, publicadas no livro Em torno da Educação (1918). Nesse primeiro livro, quando ainda estava aparentemente integrada nos valores e princi-pios defendidos oficialmente para a família, a escola e a sociedade, descreveu o choque que lhe causou a existência de um sistema de mentiras acei tas socialmente, e que se sentia impelida a desmistificar.

Como revelou, mais tarde, no livro Civilização — Tronco de Escravos (1931), a passagem pelo colégio de freiras deixou marcas profundas em seu espírito. Os julgamentos opressivos e diferenciados das crianças, envenenadas pelo medo, a distinção de seus atos pela cor da criança ou pela posição econômica da família, tornaram-na sensível às discriminações de todo tipo e aos abusos de poder a que são submetidas principalmente mulheres e crianças.

Quando se mudou de Barbacena para São Paulo, na década de vinte, não mais aceitava o ensino oficial como válido, nem as campanhas de alfabetização como saneadoras, ou a caridade como virtude. Optara por formas alternativas de educação, capazes de criar espíritos livres e independentes, rejeitando as que reproduziam as discriminações sexueis e sociais vigentes. Aliou-se então às iniciativas culturais dos anarquistas de São Paulo, participando de seus festivais e colaborando ativamente em sua imprensa e em seu teatro social.

Entre 1918 e 1924 dirigiu a Federação Internacional Feminina, que reunia mulheres de Santos e São Paulo, com finalidades cívicas, educacionais e de esclarecimento de problemas de saúde. Era uma associação de mulheres de pequenos recursos, professoras e funcionárias que aspiravam ao esclarecimento e à emancipação social. Embora breve, essa atuação associativa tornou-se muito conhecida, principalmente por ter resultado na obra mais famosa de Maria Lacerda: A Mulher é uma Degenerada? (1924). Este livro teve três edições e tradução para o castelhano. Nele, Maria Lacerda de Moura desmistificou uma série de conceitos comuns ao tempo, como o que intitula a obra. Aos poucos, contudo, deixou de acreditar em associações como forma de luta, considerando que não haveria emancipação feminina sem uma emancipação humana e uma socieda-de mais equitativa. "A solução para a mulher, como para todo individualista livre, é a deserção da sociedade, é o co-locar-se fora da lei e dos preconceitos" Apenas o nome de uma rua no Rio de Janeiro e de uma escola em São Paulo constituem os tributos públicos prestados à escritora e feminista Maria Lacerda de Moura, cujo centenário de nascimento se comemora, com excesso de discrição, este ano.

o centenario nto se comeexcesso de ste ano.

Por ocasião da publicação de Religião do Amor e da Belleza (1926), conheceu André Néblind. Ele exercia a liderança de uma comunidade agrícola em Guararema, interior de São Paulo, composta principalmente por desertores de consciência da Primeira Guerra Mundial. Eram imigrantes espanhóis, italianos e franceses com um projeto pacifista de afastamento do capitalismo industrialista, através de um universo igualitário e fraternal, de individuos conscientes, livres e sem hierar-

## Pacifismo e Anti-fascismo

Em Guararema ainda existe a Chácara Dona Maria Lacerda, onde ela morou de 1928 a 1935. Foi o período de sua vida em que mais escreveu e divulgou suas idéias pacifistas e anti-fascistas. Fra professora dos filhos de seus companheiros e é lembrada pelos exalunos e habitantes da região com a maior admiração. Nem sempre a admiração se refere às qualidades profissio nais da professora. Em alguns casos se refere à elegância e à beleza da mulher, em muitos outros à situação chocante de sua condição, publicada em jornal, do filho adotivo que aderira ao Integraismo. É um período conhecido de sua vida e deu margem a maiores mal-entendidos que outros. Houve mesmo quem considerasse que ela perdera o uízo, ao se entregar tão inteiramente quela experiência educacional de uma fraternidade igualitária radical.

A repressão policial que assolou o Brasil inteiro em 1935 atingiu em cheio a comunidade de Guararema. Houve confisco de bens, prisões e deporta-

Mas então, nem a cidade se dispunha a perdoar a filha pródiga, nem esta admitia que sua fama de subversiva, rebelde, perniciosa à família e aos bons costumes afastasse tantos de seus antigos companheiros e parentes. Tentou levar uma vida tranquila, dedicada ao trabalho e ao espiritualismo com que sempre se identificou e que impregna todas as suas obras. Apesar disso. Maria Lacerda não consequiu escapar a um ostracismo latente, com que Barbacena respondeu à filha anticlerical e individualista. Muito menos que sua posição política, ignorada pela naioria, assustava a todos a desmistificação do conformismo imposto à muher e à criança pela Igreja Católica e pelo Estado e de uma família estruturada por conveniências econômicas. Os termos em que colocava o casamento como "uma prostituição legalizada" e em que exigia a "divinização da carne através da Maternidade consciente' encontraram raros ouvintes compreensivos. O que sempre provocaram foram aplausos disfarcados ou condenacões ferozes.

Retorno e Procura

E como coloca em seu livro Han Ryner e o Amor Plural (1928), "dentro dessa engrenagem sórdida, feroz, asassina, burguesa, capitalista — denominada civilização — não há, para o individualista, senão um meio de defesa: a fuga, a deserção da sociedade, o colocar-se inteiramente isolado contra a corrente, desafiando-a com a sua altivez (...). Ser livre, absoluamente livre das leis e de todas as superstições políticas, religiosas e sociais (...). Nada

cresce, ninguém se realiza senão no silêncio de si mesmo". Trata-se de um desdobramento do que apresentara em Rellgião do Amor e da Belleza. "Sou responsável apenas por mim mesma e faço muito se me elevo sozinha e -se assumo a responsabilidade dos meus atos, dos meus pensamentos, dos meus exemplos"

Em 1923, na terceira edição de A Mulher é uma Degenerada?, explicitou na dedicatória o fim de seu casemento. Em 1937, André Neblind retornou à Europa, não havendo, depois disso, qualquer documento referente a relações entre Maria Lacerda, seus colegas da imprensa anarquista ou seus companheiros da comunidade de Guararema.

Em 1938 ela retirou-se para o Rio de Janeiro. Em busca de uma Harmonia interior (que sempre escreveu com H maiúsculo), morou em diversos lugares. no Rio, sem a encontrar. Dedicase mais intensamente a leituras e reflexões sobre forças cósmicas e sobre relações entre a ciência e o ocultismo enquanto trabalha duramente numa scola comercial, para a qual escreveu um livro didático. Agora, acreditava que cada um só podia educar, real-mente, a si próprio. A busca de um acordo entre o pensamento e a ação evou-a a uma solidão ascética, apesar dos esforços de colher o ser ideal, no amor plural dos seres a que amou. Esse desligamento dos diferentes grupos a que se aliara explicaria o silêncio que ecaiu sobre ela na última fase de sua vida. Morreu aos 58 anos, à sombra dos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, sem assistir ao fim da Segunda Guerra Mundial, contra a qual só não lutara mais que contra o Fascismo.

Apesar da expressiva produção jornalistica, que atingiu Porto Alegre e Salvador, além de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro e de uma série de obras bastante lidas nas décadas de vinte e trinta, Maria Lacerda foi "hostilizada pelos homens e incompreendida pelas mulheres, bloqueada pela imprensa capitalista, caluniada pela intemperança católica e como a personagem de Ibsen, em Um inimigo do povo, poderia exclamar: 'A maior mulher é a que fica sozinha" "(O Combate (SP) 1/8/1929).

Biblioprafia de Maria Lacerda de Moura

Livros Citados

Em torno da Educação. São Paulo, Teixei-

A mulher é uma degenerada? São Paulo, Typographia Paulista, 1924.

Typographia Paulista, 1924. Religião do Amor e da Beleza. São Paulo, Typographia Condor, 1926 Han Ryner e o Amor Plural, São Paulo, Uni-

cas, 1320. Civilização — Tronco de Escrayos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1931.

Miriam L. Moreira Leite é autora do Livro Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura (Ática, 1984). 15 Mulheria Set./87

## FEMPRESS: rede alternativa de informações

esde 1981, a Unidad de Comunicación Alternativa de la Mujer - (Fernpress), vem realizando um trabalho de apoio aos movimentos de mulheres de América Latina através de uma rede de informações feitas por mulheres de 21 paises latino-americanos. Seu objetivo principal é alargar o espaço dentro da grande innirensa e da imprensa alternativa para a divulgação de vários assuntos ligados à muther. Com a obtenção de artigos, recortes e vários outros tipos de trabalhos realizados por jornalistas e militantes de movimentos feininistas desses paises, a Fempress elabora mensalmente um boletim onde procura quebrar a discriminação e o preconceito encarado pela mulher em nossa sociedade

Sediada em Santiago, no Chile, a Fempress realiza um verdadeiro intercâmbio de informações entre os países latinos, caracterizados por seu comportamento indiferente frente às questões da mulher. No Brasil, onde vem atuando desde 86, a rede recebeu o apoio do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e preocupa-se basicamente com a colaboração do boletim mensal e a realização de encontros e seminários a fim de proporcionar uma comunicação alternativa entre as mulheres.

Contando com uma

equipe de sete mulheres, o Coletivo Fempress no Brasil tem sua sede no Rio de Janeiro e está sempre disposto a receber a colaboração de grupos feministas, ôrgãos ligados à questão da mulher dentro da administração pública, de universidades e outras formas de organização de mulheres para poder engrossar a quantidade de informações sobre a condição da mulher brasileira enviadas à sede em Santiago. Seu boletire Mujer é editado mensalmente em espa-

Para novembro deste ano, em data a ser marcada, o Coletivo do Rio de Janeiro pretende realizar o Encontro Nacional de Comunicação Alternativa feita por Mucheres", cujo objetivo é faler da imprensa alternativa feminista nacional, suas perspectivas edificuldades, bem como tracar um paralelo entre a produção brasileira e a dos demais países latinoamericanos.

Vamosl, número 2, junho de 1987, Centro de Detesa dos Direitos Humanos, João Pessoa, Paraiba. O editorial fata da existência de poucos deputados constituintes comprometidos com as questões populares e o ainda insuficiente número de mulheres que participam da Constituinte. Os artigos trazem informações sobre como usar o "habeas corpus", so-

bre a reforma agrária e a atual distribuição de terras no Brasil, mulheres assassinadas no campo, o Projeto Calha Norte e as Mães da Praça de Mayo na Argentina,

Correspondência: Av. Almírante Barroso, 74 — Centro, Cx. Postal 93, João Pessoa, PB.

Informação-munº 1, junho de 1987, SOS/Ação-Mu-Campinas, São Paulo, O boletim surgiu da necessidade do grupo que tem cito anos em criar um espaço de comunicação receptivo a noticias de seu interesse e, ao mesmo tempo, uma espécie de intercâmbio cultural entre mulheres. Este número inaugural traz maiores informações sobre o SOS, faz uma análise prensa. O livreto destaca neste número as alternativas para a prostituição, ou seja, as opções para as mulheres que decidem deixar "a vida"; além disso, há um pequeno artigo sobre o relacionamento sexual entre dois oficiais de Phoenix e duas prostitutas e sua repercussão.

Whisper: P.O. Box 5514, Rockfeller Center Station, New York, NY 10185, USA.

Media Report to Women nºs 3/4, maio/junho e julho/agosto de 1987, Women's Intitute for freedom of the Press, Estados Unidos. A publicação fala de fatos, ações, idéias e filosofías que estão sendo desenvolvidas no sentido de democratízar as comuni-

são da mulher, todas as formas de racismo, imperialismo e discriminação contra o lesbianismo. As noticias cobrem as lutas e conquistas feministas em todo o mundo, com a meta de deconvolver um feminismo anti-racista e anti-imperialista. Neste número, o destaque é a formação do primeiro partido politico das mulhares nas Filipinas.

Um avíso: a partir do próximo número, Outwite parará de circular para que sua equipe possa dedicar-se exclusivamente à obtenção de fundos, Maiores informações na próxima edição ou através do endereção: Oxford House, Derbyshire Street, London E2 6HG, England.

· Mujeres del Continente contra la Intervención, nº 4, maio de 1987, Frente Continental de Mujeres contra la Intervención Nicarágua O editorial fala do Congresso Mundial de Mulheres que se realizou em Moscou entre os dias 23 e 27 de julho e do IX Congresso da Federacão Democrática Internacional de Mulheres (FDIM). Os destaques deste número são as matérias sobre o Dia Internacional da Criança e sobre a lei de impunidade aprovada no Uruquai dois anos após o término do regime militar instala do em 1973.

O endereço da FCM é: Apartado Postal 847, Managua, Nicaragua

 Manuela, julho de 87,
 nº 26, Peru. Nesta edição, há um destaque especial para o dia do trabalho doméstico comemorado no País no dia 22 de julho. No editorial, o reconhecimento e a divisão das tarefas domésticas são defendidos, a tim de que as mulheres possam ter maiores oportunidades de atuar mais atívamente na sociedade e ter acesso à educação.

Há ainda uma matéria sobre o trabalho desenvolvido pelas mínistras nos últimos anos, o reconhecimento que têm recebido por parte dos dirigentes políticos e alguns problemas que ainda merecem a atencão dessas mulheres que ocupam cargos de destaque na política, como aborto, a saúde da mulher e difusão da educação sexual Endereco: Avenida Bolívia, 921—

· Cendoc - mujer, Centro de Documentacion sobre la Mujer, Ano 2, nº 1, 1987, Perú. Este boletim informativo trimestral de oito páginas destaca no editorial a importância da saúde nas discussões a respeito dos direitos da mulher. Há ainda uma matéria especial de Cathie Lyons, reforçando o te-ma defendido no editorial. A saude da mulher, as dimensões psicológicas dos problemas fisidoencas sexual-COS. mente transmissiveis e a intensa jornada de trabalhos domésticos e extralar impostos à mulher e consequências em seu estado físico são discutidas nesta edição. O Centro de Documentacion licana avenida Arenales, 2626, Lima-Perú.



política do Brasil atual, informa sobre os artigos contidos na Declaração Universal dos Direitos da Mulher e sobre os direitos das mulheres que, vitimas da violância conquesa como única opção. O endereço do SOS é: Av. Orozimbo Maia, 595, Centro, CEP 13100, Campinas, SP.

• Women Hurt in Systems of Prostitution Engaged in Revolt (Whisper), n° 3, 1986/1987, Estados Unidos Whisper foi fundada em 1985 por Sarah Winter, uma sobrevivente da prostituicão e da pornografia, com o objetivo de dar às mulheres um fórum de debates de suas experiêricias, invalidando as mentiras veiculadas pela grande im-

cações. Na verdade, o Women's Institute for Freedom of the Press acredita que o sistema de comunicação deve ser reestruturado de tal forma que as pessoas falem por si mesmas.

Nesta edição dupla, traz artigos que demonstra ma participação quantitativa das mulheres na imprensa mundial e os satores de atuação a que estão restritas, além de alertarem para o tratamento que as noticias recebem quando se trata de temas como violência e agressão sexual.

O endereço é: 3306 Ross Place, N.W., Washington, DC 20008, USA

 Outwrite - Women's Newspaper, nº 59, junho de 1987, Inglaterra. O jornal combate a opres-



16 Martinero Ser 787

## A mulher e o outro gozo

A Exceção Feminina: Os impasses do gozo Gerard Pommier Rio de Janeiro, Zahar, 1987

### MANI ÁLVARES

trajetória dos impasses do gozo, descrita neste livro, não poderia ter sido feita senão por alguém que, do lado feminino, tenha participado daquilo que lhe é próprio. Isto se sente na argúcia de certas observações, certas frases nas quais a mulher se reconhece por inteiro. Seu gozo se torna assim quase desmitificado, quando, por exemplo, o autor apresenta fragmentos da análise de uma paciente nos quais ela confessa a sua verdade, embora envolta nas brumas de um sonho... "O prazer enorme de ser um grande bebê, perfeitamente passivo, entregue à sua mãe."

Este desejo funda os impasses de um gozo que, para a mulher, é excepcionalmente enigmático. Um gozo para além de qualquer possibilidade de nomeação e que só encontra nesta relação primeira com a mãe uma via de expressão por que foi nela, e através dela, que o corpo próprio adquiriu um certo sentido de unidade.

Toda a "exceção feminina" está centrada nessa questão dos impasses do gozo e dos caminhos criados pela pulsão para assegurar a existência humana, A psicanálise, através da clínica, pôde demonstrar o quanto o gozo do ser humano, ou seja, a fruição de um bem que é o seu próprio corpo, é problemática, Isto porque gozo que não se encontra limitado, definido pelo fisiológico; pelo contrário, ele é capturado, preso nas articulações de uma língua materna que continuamente se pergunta sobre sua significação última. E é justamente em torno desse desamparo, desse vazio que alíngua encobre, desse "furo" a partir do qual se organiza a linguagem, que se ancora a percepção do

E al reside, a meu ver, a grande importância não só deste livro, mas também de uma leitura em profundidade da teoria psicanalítica para uma reflexão feminista. Conceitos como educação discri-

minatória, patriarcado, machismo, e até violência contra a mulher passam a responder a uma (des)ordem anterior no caminho das pulsões. E sob esta ótica podem-se abrir horizontes incomensuráveis para uma teoria e uma prática feminista. Inclusive a nível epistemológico. Pois, tonge de legitimar a soberania do falo, a psicanálise, na verdade, o desmistifica.

O autor revelou estar particularmente atento a algumas formulações da teoria psicanalítica que deram origem a interpretações errôneas e superficiais no que toca a questão feminina, como a do orgasmo clitoridiano e o vaginal, da "passividade" feminina, da predisposição à bissexualidade, na mulher, e da famosa tese lacaniana de que A Mulher não existe. Por isto ele retoma a questão "continente negro" e reflete, ao longo do livro, sobre a especificação do feminino.

Até então a angústia que o ser humano pode experimentar jamais havia sido relacionada com a questão da castração. Indagações metafísicas, espiritualistas e mesmo filosóficas sempre tentaram, no decorrer da história, responder a este sentimento de precariedade da vida humana.

Ao introduzir, portanto, a questão do falo, signo da diferença, Freud definiu a castração não como pura diferença anatômica entre os sexos, mas como um momento de corte, vivido com intensidade como separação da mãe. A castração surge da percepção de que o desejo da māe se orienta alhures, para algo ou alguém que ocupa o lugar do pai na relação triangular. Este é o momento inaugural do ser humano, aquele em que a Lei, ou o Nome do Pai, na terminologia lacaniana, promove uma cisão no "infans" que o diferencia do outro, da mãe, cisão esta que irá ser preenchida pela linguagem.

A mulher, por uma questão específica de seu sexo, passa por esse processo de forma diferenciada, e é justamente isto que irá constituí-la na "exceção". E é o autor quem o diz: "A palavra feminino falta referente. Ela conhece, na ordem do discurso, o mesmo destino da vagina no plano anatômico; a palavra exis-

te, o órgão existe, mas o investimento fálico que lhe seria necessário para aceder ao saber é, por definição, faltoso".

Isto significa que a mulher porta um desconhecimento, um não-saber de si originário. Por isto não teria identificações es es im identificações que exprimem a falta de consistência do traço identificatório e revelam a impossibilidade de se definir um modelo feminino. Desse lugar, excluído de um ser e portanto, também excluído do próprio discurso, a mulher se situa enquanto portadora das fantasias masculinas.

É surpreendente constatar a adequação de tais conceitos com a realidade da mulher, com a angustiante falta de referenciais que a identifiaquela que goza com o apagamento do corpo, no momento em que o significante falta. "Quando a alma chega até aí, ela perde seu nome". Deus seria o vocábulo último para nomear o nada. Por isto, segundo a mística Angela de Foligno, só se pode gritar ao ou.i-lo, Grito orgástico que escapa da mulher no momento do gozo.

Nisso constitui a polèmica tese da "passividade feminina" da qual falou Freud. Trata-se, na verdade, de um ato, uma procura ativa de ser penetrada por Deus ou pelo falo. Ativo e passivo se referem a modalidades da libido, e não qualificações para o masculino ou o feminino. Tais conceitos sofreram o estigma de uma redução psicológica à ideologia, o que deu margem

da aspirar, é ser expectador, a testemunha perplexa de um vôo que ele, por princípio, desconhece,

Há uma passagem, na mitologia, que conta que Tirésias, metamorfoseado em mulher durante sete anos, teria revelado aos deuses do Olimpo que a mulher encontra no amor um gozo dez vezes superior ao do homem,

Hera, furiosa por terem descoberto seu segredo, faz com que ele figue cego. O segredo é que é preciso que a mulher permaneça invisível ao olhar, para que possa vestir as fantasias do homem. provocar seu desejo, conduzi-lo ao ato. Ela precisa de sua ereção para ir além do fa-lo e aceder ao Outro gozo. Este é o mistério que se transmite de mãe para filha, sem que se saiba ou se fale dele. Vestida de fantasia, a mulher entumesce o falo masculino que, supostamente, irá preencher sua falta: esta ilusão mantém viva a espécie humana.

A isto se referia Freud, quando falou da mudança da zona erógena, na mulher. Enquanto clitoridiana, a mulher se limita a um gozo fálico, próprio do homem; só a vagina, enquanto orifício erogeneizado, lugar simbólico de um "furo" do saber, lhe permite o acesso ao Outro gozo.

Ao término do livro, fica-se com a sensação de ter, o autor, realizado um verdadeiro ato sexual através da descrição das minúcias com as queis se organiza a sexualidade humana. A travessia que faz do corpo femínino é a de quem o conhece de dentro para fora.

No entanto, e apesar disso, ele porta o falo, na medida em que brande a linguagem para falar de um gozo que a ultrapassa. E nisso ele confirma a tese freudiana de que o masculino e o feminino, para além da definição anatômica do corpo material, se refere muito mais a formas de organização da libido, na trajetória das pulsões.

Ao final do livro, Gerard Pommier é o próprio sujeito "que se desvanece nessa ereção. E desvanecido, ele subsiste, então, como puro suporte da fantasia, aniquilado, golpeado pelo nada cintilante que o fascina". Nesse momento, embora ainda perdidamente embaraçado com a linguagem, ele parece pressentir o mergulho regressivo nas brumas do Outro gozo, próprio da mulher.

A EXCEÇÃO FEMININA
os impasses do gozo
Gérard Pommier

Jorge Zahar Editor
1 Transmissio
da Psicanálise

quem em sua especificidade, e não em relação ao masculino.

Por outro lado, é essa ausência de um símbolo feminino que, segundo o autor, permite à feminilidade escapar às palavras e se manter outro lugar que não aquele de onde se mostra, e de onde articula um acesso ao gozo que é excesso de gozo, também chamado de o "Outro appo".

No capítulo intitulado "A mística, verdade do gozo feminino", Pommier analisa várias frases de místicos famosos, nos quais está presente um gozo de uma outra ordem, que escapa ao saber e à linguagem. A união mística é a uma falsa interpretação da teoria. Numa definição sintética,

seria "ativo" aquele que goza com o outro sexo pelas vias da fantasia, enquanto que 'passivo'' seria aquele que suporta a fantasia do outro sexo para convocar a "mãe impessoal" do Outro gozo, Portanto tudo que o falo e o homem amado permitem é abrir à mulher um acesso enviezado à sua mãe. O outro gozo é aquele que encontra, para além do homem, a mãe A māe como verdade primeira, prazer inominável, gozo perdido e só reencontrado através do sonho e do orgasmo, na mulher. Tudo que o homem, nesse domínio, po-

Mani Álvares é professora de filosofia, doutorada em Psicologia na Unicamp e membro do SOS/Ação-Mulher de Campinas, SP. 47

## A queda de um tabu

As Freiras Lésbicas — Rompendo o Siléncio Rosemary Curb e Nancy Manhan São Paulo, Best Seller, 1987

## ROSELY ROTH

esde o final da dêca-da de 60 o Movimento de Libertação das Mulheres e a produção teórica ligada a este movimento vem questionando, de maneira sistemática, a estrutura misogîna da sociedade em que vivernos. Dando continuidade ao caminho trilhado pelas sufragistas e outras mulheres dos séculos passados, vêm rompendo a situação de invisibilidade histórica das mutheres representadas pelas culturas masculinas como o Outro inferior, intrinsicamente ligada à natureza, cujos papéis "naturais" (portanto inatos e universais) de esposa, mãe e dona-de-casa implicant a heterossexualidade obrigatória e um determinado modelorde tornar-se mulher.

Durante séculos apenas os homens escreveram sobre as mulheres, definiram atributos, temperamentos, comportamentos e papéis para cada sexo, tentando cons-truir sociedades que espelhassem e perpetuassem seus privilègios e hegemonia Romper o siléncio, para nós mulheres, é construir representações de nós mesmas se gundo uma perspectiva própria, criando-a historicamente por meio da participação individual e coletiva, em todos os setores da sociedade, mudando suas estruturas e : valores para que as diferen-cas biológicas não sejam i mais socialmente transformadas em diferenças hierárqui-

cas.

O livro Freiras LéabicasRompendo o Silêncio é o primairo a ser escrito sobre o tema, como salienta uma de ;
suas autoras, constituindo-se ;
em importante contribuição ;
para o conhecimento e visibilidade histórica das mulheres ;
principalmente das mulheres ;
lésbicas: "Se nossa cultura ;
define a normalidade em termos da experiência masculina e valoriza apenas as mulheres que se relacionam com nos homens, freiras e lésbicas s
tendem a ser ridicularizadas s

ou postas de lado, pois são consideradas irrelevantes, no quadro maior da História. A própria existência de comunidades autônomas de mulheres ameaça a arrogância patriarcal".

Através do envio de questionários e da realização de entrevistas, as autoras coletaram 48 depoimentos, aos quais somaram seus próprios relatos. A maioria dos depoimentos é de ex-freiras, brancas, provenientes de famílias de trabalhadores católicos

lançamento, a primeira edição, de 125 mil exemplares, já havia se esgotado. Na Irlanda, terra natal dos pais de boa parte das ex-freiras, o lançamento do livro, em setembro de 1985, que incluiu a presença das autoras no programa de rádio mais popular do País, transformou-se em acontecimento nacional, com tentativas de boicote à obra, ameaças de morte ao apresentador e protestos contra as autoras.

O cuidado na elaboração do livro evidencia-se pela iniciativa das autoras de colocar um extenso glossário que traduz os termos próprios da vida no convento. Além deste glossário, nas edições americana e espanhola, há 53 indicações de leituras complementares, enderecos de organizações gays e lésbicas cem nortear a exposição de todos os relatos; os motivos que levaram as freiras a entrarem no convento; os aspectos positivos e negativos de suas experiências nestes locais; os fatores que influíram para o abandono ou não dos votos e a vida das ex-freiras, após a descoberta e o reconhecimento de si mesmas, como mulheres lésbicas.

O aspecto principal do livro, presente em todos os
depoimentos é o da Amizade
e do Amoi entre as mulheres.
Este elemento é diversas vezes mencionado como uma
das causas, seja para a entrada no convento — a paixão
por uma imã —, seja para o
abandono dos votos-quando
o desejo afetivo e sexual torna-se inconciliável com o voto de castidade e/ou com a
estrutura interna do conven-

existência do Movimento de Libertação das Mulheres, o convento se constituía em um dos poucos refúgios do casamento e da maternidade, ao mesmo tempo possibilitando uma vida com mulheres e um compromisso prioritário com estas.

Através dos denoimentos podemos perceber que, apesar de sua estrutura patriarcal, os conventos paradoxalmente favorecem a existência de um compromisso principal, em termos políticos, ale tivos e (às vezes sexuais) en tre as mulheres. Constata se aqui uma das brechas do sistema católico e da cultura masculina. Os relatos demonstram a existência de uma espiritualidade que pode funcionar como elemento de resistência à estrutura ma chista da igreja.

A própria delinição do termo lésbica, dada pelas autoras, não implica necessariamente a realização de uma alividade sexual, mas sim a priorização de um compromisso emocional e político com mulheres, que pode ou não expressar-se sexualmente, o que amplia a compreensão histórica das vivências lésbicas. Em algumas épocas históricas, a atividade sexual entre mulheres e a própria vida conjugal a duas era quase impraticavel devido às barreiras econômicas, políticas e sociais que impediam alternativas, para a grande maioria, fora do casamento ou do conventa.

Para muitas participantes do livro, a existência de um Movimento de Libertação das Mulheres e a produção teónca que o acompanhou possibilitou uma atitude critica em relação à estrutura patriarcal da igreja, assim como um major conhecimento das frei ras sobre elas mesmas, enquanto mulheres cujo compromisso principal, afetivo, politico e sexual estava dirigido a outras mulheres. Foi neste contexto que idenficarse como mulhor lésbica assumie um significado de força política, pois a visibilidade de seus estilos de vida era e è um ato de resistência ao proieto de feminilidade construido nela cultura masculma iàs vezes com a nossa cumplicidade). Para muitas mulheres lésticas, esta visibilidade é a condição para sua saúde fisica, aletiva e mental, em contraste com os sentimentos de culpa, medo, ansiedade e com os atos de simulação e de mentira ligados à atitude do "enrustimento"

Rosely Roth è mestrada em Cièncias Sociais na PUC-SP, integrante do Galf e uma das editorasde 'Um Certo Olhar'.



vindos da Irlanda, Itália e Alemanha, e os outros, de quatro mulheres negras, três mulieres hispânicas e três canadenses. Mais da metade das participantes do livro entrou no convento antes dos 20 anos, vivendo uma média de oito anos em suas dependências.

Mesmo utilizando serviços de computação para que uma maior quantidade de relatos fosse inserido. Rosemary Curb e Nancy Manahan levaram três anos e meio para preparar a primeira edição do livro, impressa em 1985, nos Estados Unidos, com grande destaque da imprensa. Naquele país, a expectativa quanto à publicação foi tamanha, que antes mesmo de seu

que trabalham com a questão religiosa e endereços de como serem obtidas fitas cassetes de conferências e simpósios sobre homossexualidade e religião. No Brasil, e editora Best Seller editou apenas o glossário. E lamentável, pois a indicação bibliográfica e a hista de endereços são tortes importantes para quem deseja se aprofundar no assunto.

Os 48 depoimentos de livro apresentam experiências de vida diversificadas dentro e fora do converito, assim como um amplo leque de opiniões no que se refere à interpretação destas experiências por parte das exferieras e freiras. Dentro desta diversidade podemos encontrar quatro questões centrais que pare-

to — ou até para a permanencia no convento — aceta-se amar as mulheres sem expressar sexualmente este amor.

A maneira como cada muther viveu e interpretou sua relação de amor e a amizade com outra(s) mulher(es) será um elemento fundamentel que ra determinar a sua visão e posicionamento em relação à vida dentro do convento. Dois outros aspectos tam-

bém aparecem com frequência nos depoimentos: um é o da crítica à estrutura patnarcal da religião católica, onde deus é homem, os sacerdotes são homens e todos os homens são preferidos às mutheres. O outro aspecto é que, principalmente antes da

## No Reino do Brasil, truques e embustes

A Rainha de Navarra — Heloisa Maranhão — Rio de Janeiro, José Olympio, 1987

## DINORATH DO VALLE

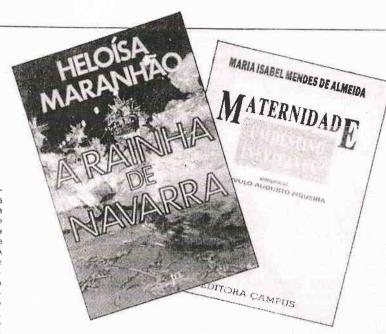
escritora, ensaista e tradutora está numa quadra do Rio de Janeiro assistindo po ensalo geral de suo Escola de Samba predileta procie se espremem 5 mil figurantes. A cúpula discute o roteiro de desfile. Um cabo e um solda do do 10º Batalhão da Polícia Militar resolvem dar uns tirinhos no Bloco Cometas do Bispo, vízinho de quadra. Uma bumba de fabricação caseira "dos agentes da ditadura, incentivedos pela impunidade" estoura do lado de cà. A escritora é atingida por um estilhaço "muito ligeiramente" na cabeca. Pensa, fala, arrazoa, analisando a situação do País dentro do tema da Escola. Del para frente ela è a "Raimita de Navarra. princesa francesa chamada Margarida de Valois-Angouiéme, Duquesa de Aleriçon e Berry, irma de Francisco Monsenher, o Sire, Rei da França e nascida seis meses antes do descobrimento da América'

A fala da Rainha é popular, brasileira, atual, conteŭdo recheado de matéria histónica e literária. A escritora chega a revelar a intenção de escrever cem contos (como Bocaccio) de raízes popularos e recolher alguns nas cercanias da quadra.

A Rainha de Navarra é narrado na primeira pessoa, místurando o ontem majestoso ao hoje arroz-com-fejão, "o povo quer é fantasia de rei e rainha porque escravo já é o ano todo."

Margarida está prestes a se casar na Catedral de Pans diante de 140 mil súditos hipnotizados. O mendo epilético, rei de Navarra, será representado pelo poeta Clément Marot, que leva a procuração às últimas conseqüências, querendo fazer filho com a dama.

O marido epilético, rei de Navarre, será representado pelo poeta Clément Marot, que leva a procinação às últimas conseqüências, querendo fazer filho com a dama. Os sambistas-destaques La Móla, Du Guast, Bussy d'Amboise, Visconde de Turenne, movem-se suados de samba, como o Anãozinho de Tolsdo, juvenifissimo Mastre-Saía



nota dez, preocupado com a eleição de Rei Momo pela Riotur. Chove torrencialmente, "não água, protesto", parece que o cêu descobriu que "Deus é burro."

Os contos que Margarida "cranea" são micendros do sonho e do sexo", sem "truques nem embustes", já que "o escritor não é diferente do operário, trabalha com a ideologia".

A finalidade do casamento

é "fazer o filho Tomé". O pla-no do Rei é embutir "duas hastes rigidas nu pénis" para a proeza. Finalmente Margarida parte para o Reino de Navarra em 103 carruagens, das quais as 1A e 18 são restaurantes. Vê um bando de estudantes sequestrar o mico (ou mica?) do Rei e declarar que o Rei de Navarra é o Rei do Brasil, além de expor (nos Champs-Elyséesi cartaz que diz: "No Brasil está se pagando uma loucura em dólares diários como juros da divida externa, Inclusive aos domingos. Quando o país não produz nada. E o pior é que essa divida está monopolizada por apenas vinte e dois banquei-ros internacionais." No Reino do Brasil, "de cade um de seus habitantes, um vegeta na miséria absoluta. Neste país. Rico de mentiras. Far-Embustes. Mistificasas. ções. Que falsifica as estatís-' E "cadê a Lei das Tei-E por que o Reino do ras? Brasil garante os negócios escusos de Ludwig, "o Rei do Jan"? Por que "transa do Jan'? Por que "transa com macaquinho Digo ma-caquinha. Da Boca do Lixo"?

Quando a menininha da fronteira entrega à Rainha o buqué de antínos e ao Prelaito as "chaves de reino" (de pedra-sabão), acontece um eclipse do soi. E ela descola o gatão para manufaturar o falado Tomé, "posso e devo frequentar um homem mais joven", os novos são "tecnicamente melhores". Toma a iniciativa, "que tal dormir com a vovozinha?". Entrega-se, cheia de "ahs e ohs", fica grávida. Mas no bolso de Monsieur está a carta que indica um M tatuado em sua coxa. E dá pano pras mangas do samba-enredo; "Tèu filho Tomé / que midito me é / é filho do teu filho, / imião do teu marido / é teu reto e teu curihado / filho feito sem pecado."

Aquela Escola de Samba "tem um segredo técnico: liberdade para cada comporente", cada qual vai como quer.

A escritora diz: "grande é a responsabilidade de quem escreve. Agitar idéias! Isso e mais importante do que mobilizar exércitos."

O romance A Reinha de

Navarra de Heloisa Maranhão inteligente, instigante, informativo, gostoso, escrito em linguagem jovial e lúdica: frases curtas, prenhes de alegonas e conteúdos, direcionadas às mazelas explícitas deste país. Artificio criativo une o antigo ao contemporáneo, o além ao aquém-mar, deslocados no tempo e no espaco. Criatividade de Helaisa Maranhão presente em sua premiada obra, pela qual recebeu, entre outros, o prèmio Coelho Neto da Acade-mia Brasileira de Letras ein 1979 pelo romance Lucrécia; Elorinda, 1982, Prêmio da As-sociação Paulista de Criticos de Arte; Dona Leonor Teles, 1985 e A presa dos Loucos Prêmio Afonso Arinos 1985 da Academia Brasileira de Letras. A autora é poeta, Prêmio Fernando Chinaglia 1973

com Castelo Interior e Moradas e teatróloga com vários prémios pelos textos Paixão da Terra e Inês de Castro.

Dinorath do Valle é jornalista e escritora

## Limites da Nova maternidade

Maternidade, um destino inevitável? Maria Isabei de Almeida São Paulo, Campus, 1987

## CYNTHIA SARTI

autora quis estudar as mudanças nas formas de controle e autoridade no interior da familia de classe média brasileira, nas últimas três décadas. Escolheu comparar duas gerações de mães, as dos anos 50, que supostamente fizeram tudo certinho, e as dos anos 80, que supostamente romperam com tudo.

O estudo se enquadra dentro de uma (bem-vinda) finha de trabalhos em ciências que busca recuperar a dimensão do sujeito, "invisivel" é sociologia tradicional, de tipo Durkheimiana, para quem o individuo é mero reflexo do social, Procura o que só "aparentemente desaparece" quando muda a sociedado

A análise se baseia em entrevistas com dez gestantes, com suas próprias mães e, ainda, com profissionais de saúde (médicos obstetras, psicólogos e especialistas em terapias corporais) de tendência "alternativista", frontalmente opostos à medicina tradicional, e ligados aos cursos de preparação para gravidez e parto (do qual todas as entrevistadas dos anos 80 participam).

A inclusão destes profissionais se fundamenta, se gundo a autora, no fato de que a rápida transformação da sociedade brasileira nos últimos anos trouxe a perda de legitimidade da autoridade ternihar, criando um descompasso entre a socialização infantil e a vida adulta. Esses profissionals dos anos 80 tornam-se os agentes legitimos que vão ditar as regras de como se deve ser mão, substiturido os antigos ensinamentos tamiliares. A familia deixa de ser a referência para esse setor da nova geração, que tem no "grupo de pares" o legitimador de sua postura. A atuação dos profissionais alternativos vai "mapear" maternidade, ou seja, inscrever esta experiência num quadro de regras, condutas e valores, interiorizados pelo suicito.

O mérito do livro está em mostrar os limites destes supostos projetos alternativos, tão disseminados nos nossos dias e tão arrogantemente postulados como propostas de "libertação". Munida de uma boa bagagem teórica, a autora descortina, com argúcia, os limites da "nova niaternidade", igualmente disci-plinar, sò que regida por "novas" autoridades, que segundo sua análise, agem sob a forma de persuação e firmam um alianca com as destantes que lhes propicia a experiên-cia de "escolha" e "opção" pessoais.

Mecanismos sutis e eficazes transformam a obediência às regras em um desejo do sujeito. Diante do grande número de opções (mapas) com que se defronta a mãe dos anos 80, a escolha alternativa configura uma saida para a fragmentação, na medida em que se coloca como uma reação E precisamente o modelo da década 60 - o "mapa" interiorizado pelos sujeitos na socialização primaria - o principal alvo de combate. A insistência no ataque aos "ca retas" dos Anos 50 - a família de origem, as mulheres e a medicina - revela, de forma sintomática, como as gestantes dos anos 80 so se definem por oposição, confirmando a presenca forte e contraditoria no sujeito de referências în ternalizadas, que pretendem abandonar através da experiência alternativa

Cynthia Sarti é antropóloga e pesquisadora da Fundação Carios Chagas 19 Authoric Set 787

# Novela à romance noir

## MARINA HECK

oda é qualquer semelhança desta obra com tatos reais e/ou pessoas existentes não é obra do acaso, é proposital". Esta epigrafre deveria ser inserida na abertura da novela Corpo Santo (Rede Manchete), que desde o inicio fugiu do padrão global imposto às telenovelas brasileiras. Na medida que atol telespectadorta) se habitua a essa outra novela, começa a perceber um ritmo visualmente lento, próprio da narrativa escrita e, portanto, "Ilida" pela câmera, e tão incomum às novelas globais,

Corpo Santo é o romance noir por excelência. Desde a sua apresentacão, que não é uma seqüência em movimento, mas uma série de estampas, que poderiam ser capas das pequenas brochuras policiais encontradas nas bancas de livros e jornais dos aeroportos e estação de trem. Nesse sentido também os cenários da novela são rigorosamente estudados e a câmera os percorre lentamente como um parágrafo de narrativa descritiva.

É por causa dessa negligência com o cinetismo das imagens que o ritmo parece lento, mas na verdade esse ritmo também è um nitmo da televisão. A câmera anda, percorre, seque os atores que se movimentam pausada e disciplinadamente. A mesa que controla os cortes, bem como a edicão posterior dos takes, não são tão importantes nessa noveia, enquanto que nas globais esta produção é fundamental.

Voltando à idéia de que essa anti-telenovela é na verdade a imagem visual do romance policial, uma análise do conteúdo propriamente dito da narrativa pode ser tentada, Isio é, a historia em si também tem muito do clima de alguns bons romances noir: Hammett, Chester Himes, James H. Chase e San Antonio Não é de jeito nenhum o mesmo clima dos romances mais dedicados à investigação propriamente, como Agatha Christie e Erle Stanley Gardner, por exemplo, pois estes não se preocupam tanto com o retrato do mundo do crime, mas sim em desvendar o mistério graças à astudia do investigador

## Lado marginal

Em Corpo Santo não há mistério para o espectador. Os investigadores lambém são de vários tipos e estão divididos entre os corruptos, que jogam no time dos criminosos; os mediocres e pouco eficazes, que cumprem uma rotina; e os "ingénuos", que por um 1po de idealismo profissional la jornalista Bárbara Diniz e o perito Vidigal) poabam 'tropecando' por acaso em algumas 'descobertas'. O peute Vidigal, aliás, faz o personagem anti-estereótipo do investigador, meio cômico, des-prezado por todos e sempre na boa pista. Assim como o Inspetor Columbo, que através do seriado homônimo de televisão, criou o tipo do investigador



nonchalant, relaxado e "por fora"

Os criminosos também estão divididos: os "gente fina", os "grossos", os "burros" e até mesmo os "guase-"burros" bons". O império do crime é finamente comandado pelo Grego e sua companheira Mara, cuja lealdade parece sempre suspeita, embora nunca falhe, Um império do crime organizado, similar a uma empresa multi-nacional, super-racionalizada e com rentabilidade comandada pela French Connection. Os "grossos" são os estereótipos de sempre, assim como os "burros". Entretanto, o personagem de destaque dessa turma é o bandido Téo, que alguns críticos definiram como romântico, mas que é frio, calculista e competente executivo do crime. Querido pelo chefe e mal visto pelos colegas de traba-

O fato do bandido galã se enamorar de uma personagem desligada do mundo do crime, Simone, nada tem de original. Já vimos isso em tantos filmes e mesmo na área do romance policial vários autores já exploraram essa ambigüidade de valores num mesmo personagem. Em Orquideas para Miss Blandish (1), por exemplo, o chefe da gang se apaixono pela vitima raptada, tenta mudar seu comportamento e causa es maiores atritos com seus companheiros. Entretanto, o fato de Téo não ser bandido "grosso" e por isso conseguir enganar sua namorada, fez com que o público o qualificasse de romântico, "quase-bom". Slim, mesmo apaixona-do por Miss Blandish, sempre nos causou a maior ogeriza porque continuava grosseiro, vulgar e bruto, embora tão bandido e apaixonado quanto Téo. Entretanto, nas telenoveias esta é uma situação pouco comum, pois a área prima por um maniqueismo simplista.

Simone e tamília foram incluidos nesse enredo no sentido de fazerem o contrapeso entre a vida profissional de Téo e sua vida privada. Uma dualidade clássica de todo homem moderno. Simone, entretanto, nunca foi um personagem importante na estrutura propriamente dita da novela. O público a confundiu com uma heroína somente pelo fato de ser interpretada por Christiane Torloni. A sua morte, embora tenha surpreendido o público, tem muita coerência dentro do contexto da estória. A estrutura do romance noir admite constantemente o massacre dé seus personagens de destaque. São justamente esses momentos de impacto que servem para re-direcionar a narra-

A estrutura da novela policial é em si muito dinâmica, e nesse caso a utilização da crômica policial cotidiana do Rio de Janeiro para alimentar o pano de fundo tem sido muito feliz, como a passeata contra a estudante assassinada, as blitz nos morros a os crimes do Esquadrão da Morte. Corpo Santo já levantou a violência contra a mulher dentro de casa lo padrastro que tenta abordar sexualmente a enteadal, na dolescente morta com overdo se) e na estrutura policial inoperante, seja por corrupção ou incompetência.

(1) James Chase Hakley

Marina Heck é socióloga-urbanista, autora de L'Etat des Lieux e The Ideological Dimension of Media Messages



Sliyla Buarque de Holanda (Lucinha) e Cristiane Torioni (Simone). A primeira espancada, a segunda assassinada.

## Entregues as emendas populares das mulheres

elo tempo disponi-Vel apenas os movimenmes tos independentes de mulhores que encamparam a emenda popular pela liberação do aborto alé o terceiro mês de gestação, conseguram uma boa resposta popular 33 mil assinaturas de apoio, encaminhadas à Comissão de Sistematização da Constituinte no dia 12 de agosto para julgamento, podendo ou não ter parecer favorável. No caso do aborto, o páreo será duro, pors terà de enfrentar a oposição de diferentes emendas contra a liberacão, principal mente a da Igreja, com um número dez vezes maior de subscrições

Outra emenda popular das mulheres entregue aos constituintes foi a que defende direitos iguais na família, emprego, educação, titularidade da terra e aposentadona para as empregadas domésticas. ericabeçada pela Rede Muther. Esta proposta junto com a do Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte que propõe mecanismos de intervenção popular nas decisões do Legislativo e Exe cutivo - obteve mais de 596 mil assinaturas. Sob o coro de "você pensa que mulher é boba, mulher não é boba não", o presidente da Constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, recebeu os milhares de abaixo assinados, prometendo que a Constituinte vai ouvir as mulheres. No último dia 26, a presidenta da Rede Mulher, Moema Viezzer, defendeu por vinte minutos a proposta perante a Comissão de Sistematização.

## É Trágico. O CIM pode fechar

á seis anos o Centro de Informação Mulher (CIM), formado por um grupo de nove mulheres, vem lutando pela pesquisa e atualização de um rico acervo composto por 5 milhoros, 450 diferentes periódicos, 650 canazes, 240 pastas de documentação e mais de vinte audio-visuais, todos específicos sobre as questões da mulher. No entanto, a falta de recursos financeiros financ



Grupo de mulheres entrega emenda popular a Ulysses Gulmarães

tem superado o trabalho voluntário dessas feministas e as perspectivas não são otimistas, tanto para a entidade quanto para a memória da mulher.

Graças a uma verba da Fundação Ford, o CIM viu-se em franco desenvolvimento entre 84 e 86. A partir de outubro do ano passado, po rem, o acervo adquirido pelo centro começou a sofrer desfalques, na medida em que o corte da verba impossibilitou a aquisição de novos periódicos e a constante correspondència com entidades estrangeiras colaboradoras. A justi-ficativa encontrada por Sônia Alves Calió, lundadora do CIM e uma das atuais diretoras da entidade, para o corte de verbas é simples. "O CIM executa um tipo de trabalho sem produto final. Portanto nosso trabalho é invisivel".

Toda essa questão tornase mais crítica na medida em que o CIM é a única biblioteca especializada no Brasil sobre a mulher. Verdadeiros estudos e coleções completas de periódicos sobre sexualidade, biologia, saúde, sociedade, política, economia e muitos outros assuntos onde a mulher tem atuado sistematicamente estão, portanto, à mercé dos cuidados de poucas teministas e estudiosos. Se isse não bastasse, Sônia alirma que as instalações da sede são provisórias, Isto porque a Secretaria de Cultura, responsável pelo casarão antigo da Vila Economizado ta, construído no início do século no bairro da Luz na capital paulistana, recebeu uma ordeni de despeio e consequentemente o CIM terá de mudar de endereco. Até agora, a Secretaria da Cultura não mostrou interesse em resolver o problema, apesar de ter como titular a deputada Bele Mendes, antigamente mais sensibilizada com as

questões da mulher. A preocupação pendente

no momento, tanto para Sônia como para as demais integrantes do CIM. é obter uma verba de no minimo 50 mil dólares anuais para o atendimento básico das necessidades da entidade: "Estamos solicitando a todos os grupos de mulheres, entidades ou pessoas interessadas em manter viva a memória da mulher, que nos enviem doacões ou materiais que possam proporcionar qualidade ao nosso acervo. Estamos tentando reativar o antigo apoio da Fundação Ford porque não há como mantermos o CIM nessas condições. Quanto à Secretaria da Cultura, estamos esperando uma resposta a respeito do novo local onde ficaremos e nada foi resolvido", reclama Sô-

## Massacre na Penitenciária

etentos ou familia-res dos detentos, importa. dois têm de viver a imposição suplementar das penas que não foram estabelecidas pelo Poder Judiciário, mas pela política carcerária do governo paulista, como ficou provado no último motim na Penitenciária do Estado, acontecido em julho. Dentro houve um verdadeiro massacre da PM no qual morreram trinta presos. Alguns, de acordo com depoimento do companheiros, assassinados a sangue frio. A costumeira disciplina rigida, que impõe castigos corporais cotidianamente não faltou após o término de motim. Nus e amontoados em grupos de cinco ou seis em celas individuais, os detentos sofreram o ajuste de contas dos guardas da penitenciária que tiveram um co-lega morto. Apanharam com barras de ferro.

No lado de fora, a situação de desespero era similar Acostumadas às maiores humilhações durante as revistas pessoais antes das visitas, as mulheres, mães e filhas de piesos, viveram uma semana de desespero sem nenhuma noticia de seus familiares. "Quero meu filho vivo", gritava Diva Santos Costa para cada viatura que entrava na penitenciaria. Outras mulheres chamavam os PMs de assassinos, que por sua vez revidavam com palavões e até tapas.

Durante a semana que se seguiu ao conflito, o lado de dentro e de fora tentaram encontrar canais de comunicação. Tudo era válido Faixas, inscrições e bilhetinhos. Dezenas deles, escritos em papel de cigarro, papel de presente, folhas amassadas de caderno. Na porta da penitenciana, as mulheres cercaram os jornalistas que saiam com os bolsos cheios de recados, Maria Monteiro estava feliz, conseguiu localizar um bilhete para ela; "Maria estou vivo Luiz"

Após uma semana de desespero, elas viveram um novo drama com a divulgação da lista dos mortos e a identificação dos cadáveres no Instituto Médico Legal, Silvia Lopes, por exemplo, não conseque localizar o emão Luiz Carlos da Silva, que possui anco homônimas e o i 5mero de matricula de nenhum deles, entre vivos e mortes, confere com a do seu irmão. Para os detentos, muita gente vai continuar de saparecida, pois foram apenas trinta - que morreram. Segundo eles, os presos que não recebiam visitas periódicas foram enterrados como indigentes e não constaram da lista oficial de mortos.

Num ato de resistência à antipolítica dos direitos humanos do governo Quércia, as mulheres dosdetentos fizeram vigilla de 24 horas na por-

ta da Penitenciária. Edna Ribeiro, por exemplo, dormiu no chão durante cínico dias e contou com a solidariedade das outras mulheres paraticar com os filhos e corner. 'Queima essa bruxas, diziam os PMs todos os dias para nos assustar" relembra ela, "mas a genta não se amedrontou". Apenas no Dias dos Pais, quando a Secretaria da Justiça permitiu a visita, os receios foram dissipados. A última tentativa de castigo extra veio com a decisão, depois revogada devido à nosesão de entidades e das mulheres dos presos, que so teriam direito a visita, os legalmente casados, ou seja, a minoria absoluta.

## INFORME PUBLICITÁRIO

## Tapetes com arte

N estes tempos em que predominam o industrial, o hightech, a artista Eva Soban dedica-se a um ato primordial do homem: tecer.

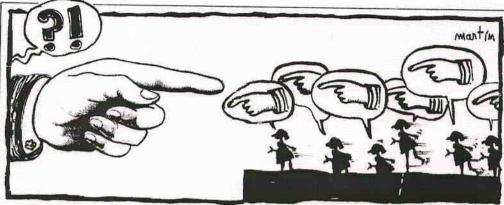
O tear é seu instrumento de trabalho desde 1972. No início ela o usava basicamente para a criação de tapecarias e formas tecidas. Passou depois para os tapetes utilitários, marcados igualmente por um elevado nível artístico. Mas sua produção estava até agora restrita a um pequeno grupo de arquitetos e decoradores.

Hoje, aos 36 anos. Eva vive

Hoje, aos 36 anos, Eva vive a matundade de sua carreira profissional. E, com uma capacidade de producão aumentada, essa filha de iugoslavos dá um passo no sentido de alcancar um público maior: inaugura um atelier onde oferece pecas prontas e um serviço personafizado, criando sob encomenda taperes integrados á arquitetura e ao mobilário de ambientes especificos.

Os lapetes de Eva Soban harmonizam valor utilitario e valor estético. Os desenhos são exclusivos, dentro de uma variedade temática que vai das influências indígenas aos tracos e tons da arte corremperânea. Um trabalho forte, bonito, que incorpora a experiência de mais de quinze anos de attividade artística de Eva Soban em fotografia, pintura, desenho e rapecaria.

O atelier de Eva Soban fica à Rua José Otaviano Soares, 33, Brooklin, telefone 533-5522 24 Set /87



## Novidades no CNDM

ara comemorar seu segundo aniversário, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDU) lancou dia 25 de agosto um concurso nacional para escolha de seu símbolo. Em promoção conjunta com a Editora Abril, o concurso è aberto a homens e mulheres, com um prêmio de 140 OTNs laproximadamente 50 mil cruzados, hojel ao primeiro classificado e menção honrosa para os dez primeiros colocados, cujos trabalhos serão expostos no Salão Negro do Congresso Nacional na primeira semana de dezembro.

Os projetos devem ser enviados até 30 de setembro, para o CNDM, Edificio Sede do Ministério da Justica, 5º andar, sala 513, Esplanada dos Ministérios, 70.064 Brasilia DF, Os resultados serão divulgados a partir de 20 de novembro, com seleção de um Comitê formado por dois profissionais de área, quas pessoas do CNDM fentre elas a presidentel e um representente da Abril Cultural.

2 Neste mês a Conselha assi nou um convênio cem a Fun dação de Assistência ao Estudante (FAE) para um trabalho conjunto sobre o programa nacional de hyre didático. Os resultados apprecesão no próptio material didabico, ane incluiră a partir de agora textos e llustrações sobre a discriminação contra a mulher, além de possibilitar a realização de seminários com professores, a distribuição de material de CNDM para professores e alunos etc. 3 o primeiro concurso da

Comissão de Educação do Conselho Nacional dos Direi-tos da Mulher em convêrio com a CAPES para o financiamento anual de pesquisas de mestrado e doutorado sobre a mulher recebeu 75 projetos de todo o Brasil e acaba de selecionar doze, sendo oito de mestrado e quatro de doutorado. A Comissão Julgadora foi formada pelos pro-fessores Wilma Figueiredo e Antonio Otávio Cintra, da Universidade de Brasília; Sandra Azevedo, de Minas Gerais; Eneida de Souza, do Rio de Janeiro; Flávio Kotthe, de Goiás; e Ruth Cardoso e Thomas Gallop, de São Paulo

Os projetos contemplados são os seguintes: na área de Artes, projeto de mestrado na UFRJ de Aria Maria Pessoa dos Santos, Santos reconta o cinema na década de 30; Saúde, projeto de mestrado na USP de Maria Amélia de Campos Olíveira, O papel do enfermeiro frente ao planeiamento da reprodução humana e projeto de doutorado de Pedro Paulo Pereira, também na USP, Avaliação e prognóstico da gestação em pacientes com história de aborto habitual e reaçõesimunológicaspositivas para imunoglobulina anti-espermatozóide; Antropologia, projeto de mestrado na UFSC de Maiilda Rosa Gon nativas da Silva Casals de profissionais: um estudo de papéis sexuais e suas implicações no cotidiano, projeto de douterado na Université Re-né Descartes Pans V de Minam Pillar Grossi, Discursos e representações da violência contra a mulher, estudo de casos junto ao SOS Mulher de Porto Alegre; projets de mestrado na UFPE de Maria do Amparo Rocha Caridade, Sexualidade Feminina na Instituição Penal; Sociologia, projeto de mestrado na UFMG de Eliana Fonseca Stefani, Aborto e Transgressão Ferninina; projeto de mestrado na UFCE de Ana Maria Xavier Herculano, Sexo, Classe e Poder: uma análise de discurso entre as operárias da indústria textil de

Fortaleza; Letras, projeto de doutorado na UFMG de Ruth Silviano Brandão Lopes, A personagem ferminina na Literatura Brasileira; de doutorado, também na UFMG, de Lúcia Castello Branco, Escrita feminina, limite de uma prática limítrofe; Psicologia, projeto de mestrado, na PUC

RJ de Eleonora Torres Prestrello, Mulher e mudança: um estudo de papéis sexuais e relacionamento amoroso; projeto de mestrado na PUC SP de Ana Maria Novelino, Moral da Maternidade na psicologia da mídia. Recebeu ainda uma menção especial e a recomendação de financiamento pelo Ministério da Cultura o projeto de Marlene Gomes de Vella, da UFGO, As discussões do duplo em Cora Coralina.

Com o mesmo objetivo de estimular a pesquisa sobre mulher no Brasil, a Comissão de Educação do CNDM firmou outro convênio com a FINEP para pesquisas sobre Mulher e Educação aberto a participação de sindicatos, associações, grupos autônomos, grupos de pesquisadores e pesquisadores individuais ligados a uma institui-



No dia-a-dia da delegacia, 70% dos casos são de agressão física

## Delegacia da Mulher comemora dois anos

ais de 12 mil ocorrências registradas 6 cerca de 5 mil inquêntos encaminhados ao Férram é o saldo de um trabalho executado há dois anos pela Delegadia de Befesa da Mulher de São Paulo desde a sua criação no dia 6 de agosto de 85. Segundo a delegada Rosmary Correia, a delegacia possibilitou um avanço no combate à violência, ao incentiva: as mulheres a reivindicarem, abandonando a tradicioreal postura passiva.

Segundo os dados obtidos nas delegacias instaladas em diferentes cidades do Estado de São Paulo, dos 12 mil bulatins de ocorrência registrados até o mamento, cerca de 70% referem-se a casos de agressão fisica. Além disso, ao contrário do que possa parecer, é nas ocades do interior que os casos são mais co-

muns a mais graves. Na cidade de São José do Rio Preto, por exemplo, as taxas são mais elevadas do que ha Cepital. Segundo a delegada da cidade, Suzana Ferreira, "ern oite meses de funcionamento foram registradas 1,200 oporrências e 80% delas eram de violência fisica". Outros da dos que mereceram destaque são as queixas de mêdicas, dentistas e alé mesmo psicólogas de que são agredidas por sous mandos, desmis-tificando a violência como sendo própria das classes popula-



tel. 815 3645

oficina de palavras, frases, parágrafos, capítulos.

Trabalhamos com a humildade dos artasãos e a ousadía dos magos.

## Redação

tessitura de palavras, trama das frases, parágrafos no tear; artesanato da expressão.

## Copidesque, Preparação de Textos

checagem de dados, confirmação de informações, os pontos nos is; éleo nas articulações verbais.

## Revisão

histuri sobre sintane e semántica, curando erros com secrtos, diagnosticando ortografía, regência, concordância; prontosocorro verbal.

## Traduções

transladando o pulsar de uma lingua para outra, aproximando culturas, Baude-

laire, informàtica, Poe, culinária, Dante, seminários, Nietzsche; passaporte idiomático.

## Planeiamento Gráfico

organização dos signos no espaço, diagramação, soluções gráficas; o que os olhos véem o coração sente.

22

## Pîlula. ainda mal utilizada

pós dois anos de intensa pesquisa na Escola Nacional de Saúde Pública. a demógrafa Sarah Cose a sanitarista Ignez Ramos concluíram que cerca de 30% das mulheres do Rio de Janeiro com baixa renda estão usando incorretamente a pílula anticoncencional e os métodos contraceptivos. Na visão das pesquisadoras, esse dado é alarmante porque o uso da pílula sem um devido acompanhamento médico coloca essas mulheres em contato não apenas com uma gravidez indesejada, mas com sérios riscos para sua saúde.

A pesquisa revelou que a major parte das 1800 mulheres entrevistadas, entre 15 e 49 anos de idade, usavam a pílula em dias alternados, ou apenas quando mantinham relações sexuais, e algumas chegavam a repartir uma drágea com a vizinha. Esse uso incorreto, aliado ao fato de que 68% das mulheres ti-





nham problemas ginecológicos nos três meses anteriores à data da entrevista, nos dão a clara visão do reduzido acesso à informação e, principalmente, ao acompanhamento médico eficiente nos casos de uso de métodos contraceptivos.

Outro dado que vem en-

grossar o problema refere-se ao número elevado de mulheres (cerca de 16%) com mais de 35 anos que usam a pílula de alta dosagem hormonal e amamentam simultaneamente, comprovando o desinteresse da administração pública no atendimento às mulhe-

res de classe populares.

## **Doencas** venéreas. Como prevenir

SOS - Corpo do Recife lançou contratempos do Prazer, uma publicação de 44 páginas que aborda de forma simplificada e coloquial todas as questões ligadas às doencas sexualmente transmissiveis. Este livro é o segundo de uma coleção que foi iniciada em 1981, com a brochura Corpo de Mulher, que teve como principal objetivo desmitificar toda e qualquer informação que possa passar para o público leitor a idéia de que as doencas venéreas são imorais e seus efeitos irrever-

Contratempos do Prazer procura encarar de frente a problemática das doencas sexualmente transmissíveis, conhecidas pela sigla DST, através de uma linguagem didática e retratando situações do cotidiano através de ilustrações e quadrinhos de Miguel Paiva, facilitam a rápida assimilação. Nesta edição, há alguns textos explicativos sobre o que seriam as doencas sexualmente transmissíveis, detalhando, principalmente, o aparecimento dos primeiros cintomas.

O livro está sendo vendido em Pernambuco pelo SOS -Corpo ao preco de Cz\$ 50.00. As remessas pelo correio pa-ra outros Estados custam Cz\$

65,00, sendo que os grupos que trabalham com segmentos populares ou que queiram adquirir mais de dez exemplares poderão fazê-lo por Cz\$ 42,00 a unidade. Endereco: Rua do Hospício, 859, 4º andar, Recife, PE. 

## Frases

"Acabamos (minha mulher Josephine e eu) reconstituindo na vida real a ficção cinematográfica. Aqui também, a Pomba Gira (a mulher) quer estar sempre acima do Exu. A mulher hoje em dia é assim, quer estar sempre acima do ho-mem".

Grande Otelo - ator

"Se os brasileiros deixassem de ser presos na Suiça (referindo-se aos quatro jogadores do Grémio detidos e acusados do estupro de uma menina de 14 anos), nós também não teríamos como vir um dia a fazer Michel Frank (assassino de Claudia Lessin Rodrigues) cumprir pena no Brasil."

Fernando Barreto porta-voz do Itamaraty

"Os próprios políticos estão fomentando a tensão no cam po, contribuindo para a fome e provocando uma verdadeira guerra civil".

Benedita da Silva deputada constituinte

"No Brasil, a primeira causa de morte em mulheres ainda é o câncer do colo uterino, que foi totalmente controlado nos países desenvolvidos e mesmo nos países pobres com sistemas de saúde efi-cientes".

José Aristodemo Pinnotti secretário de Estado de Saúde de S.P.

## 

O GEPEM (Grupo de Estudo e Pesquisa da Mulher) da UFPE continua mantendo uma programação constante que inclui debates, sem inários teóricos e discussões de pesquisas, bem como projetos sobre assuntos variados que com poem o fato feminino.

A programação para o 2º semestre de 87, que já está sendo divulgada no Campus, é a seguinte: As Mulheres nas Organizações Profissionais; Por que não Mais Filhos, Por que não Menos Filhos?; A Professora Universitária e a Estrutura de Poder na Universidade Federal de Pernambuco; Mulheres sem Casa.

## AGENDA

Nos dias 19 e 20 de setembro deste ano serão realizados Pré-Encontros simultâneos em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre para a apresentação e discussão dos trabalhos inscritos no "Il Encontro Latino-Americano de Psicologia Marxista e Piscanálise -Intercâmbio de experiências, práticas e teorias", a ser realizado entre 15 e 19 de fevereiro de 1988 em Havana, Cuba. Os trabalhos deverão abordar um dos sequintes temas: Clínica, Formação, Epistemologia, Educação e Saúde Mental, Maiores informações e inscrições: São Paulo, Paraná e Nordeste -Rua Wanderley, 1386, 05011, São Paulo (SP); Mato Grosso do Sul e Mato Grosso - Rua Padre João Crippa, 1988, 79100, Campo Grande (MS).

Nos dias 22 a 25 de setembro será realizado o "VI Grupo de Vivência para casais Grávidos", com informações e discussões sobre os aspectos emocionais, obstétricos, pediátricos e fonoaudiológicos ligados à gravidez e ao recém-nascido. Participarão das atividades o doutor Camil

Curi Neto (Aspectos Obstrêticos da Gravidez e do Parto), doutor Luiz Bellizia Neto (Os primeiros cuidados com o bebê), Maria Carmen Carregal Rodriques (Aspectos fonoaudiológicos do bebê), e Maria Cecília Pereira da Silva (Aspectos emocionais da maternidade, paternidade e recémnascido). Mais informações, fone: (011) 280-0957.

Entre os dias 1 e 8 de outubro, a Cinemateca Nacional do México dará lugar à "Cocina de Imágenes", a primeira mos-tra de cinema e vídeo realizada por mulheres latino-americanas ecaribenhas, promovida pela Zafra Cine Difusion. O calendário de atividades sujeito a modificações, é o seguinte: no dia 1º de outubro haverá um almoço de boas-vindas às participantes e a inauguração da mostra com a primeira exibição; nos dias subsequentes, a partir da tarde, os trabalhos serão apresentados em sete horas de projeção diárias; durante algumas manhãs, palestras

por várias cineastas de toda a América Latina, com o lema "Nosso trabalho, nossas vidas"; para o dia 5 de outubro está programada uma reunião não aberta ao público, chamada Enconto de um Dia, a ser realizado na sede do Zafra; no dia 8 de outubro, a mostra será encerrada e haverá uma festa de despedida.

Acontecerá de 29 de novembro a 2 de dezembro no Rio de Janeiro um seminário nacional sobre "Mulher Rural: Identidades na Pesquisa e na Luta Política", organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. O objetivo do evento é tecer um painel das pesquisas que analisam a problemática da mulher rural e aproximar as áreas acadêmica e institucional, responsáveis pela formulação e execução de políticas sociais, Informações sobre inscrição de trabalhos: Seminário Mulher Rural, IPPUR/UFRJ, prédio da Reitoria, 5º andar, sala 543, Ilha do Fundão, 21910,

galeria de arte e molduras

Linha completa de molduras em madeira, laca, atu-mínio, ouro envelhecido, prata etc. Somos o maior acervo de gravuras de S. Paulo. Tozzi, Volpi, Tomia, Grassmann, Tarsila, Rugendas, Wesley Duke Lee, Antunes, Renina, Fayga, Mabe, Charoux, Burle Marx fazem parte da nossa coleção. R. Artur de Azevedo, 2102 — Fone: 815.7786 —

## Marcos Cesar Veloso

Fisioterapia Clínica e Laser Terapia Crecito: 3-5540-F Al. dos Guaramomes, 249 Indianópolis - S.Paulo - SP Fones: 61.9890, 61.6820 e 61.0495

